

Eco de março e abril de 2009

Cobertura nº 3

Minhas Filhas, sabeí que,
quando deixardes a oração e a
Santa missa pelo serviço dos pobres,
nada perdeís,
poís, servir os pobres,
é ir para Deus;
e deveís ver a Deus
nas suas pessoas.

Conferência sobre o Regulamento, 31 de julho de 1634 p. 3-4

Sumário

Vida espiritual

- 82 Carta de 14 março de 2009
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 84 Conferência do dia 25 de março de 2009 – Casa Mãe
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 89 Retiro da Renovação de 2009: “A mística vicentina”
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Desafios Atuais

- 101 “Não precisamos de homens que construam muros, mas de construtores de pontes”

Província da Áustria
Irmã Roswitha Bauer, Filha da Caridade

- 105 Ao serviço de um dos escravos do terceiro milênio
Província da Sardenha (Itália)
Irmã Ignazia Miscali, Correspondente dos Ecos

Atualidade das Províncias

Visita dos Superiores

- 109 Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral,
Visita da Província do Equador
Irmã Maria Ines Arevalo Estrada, Filha da Caridade

Testemunho das Irmãs

- 113 Província de França-Norte: “Alarga o espaço de tua tente”
Irmãs Marie-Renée Cambourieu e Marie-Renée Lelièvre, Filhas da Caridade
- 115 Província de Hungria: Uma Filha da Caridade, Irmã Romana,
defensora da educação musical
Irmã Mary Alice Hein, Professora jubilada da Universidade do Santo Nome

Historia da Companhia

No tempo de São Vicente e... Hoje

- 117 O Pobre segundo São Vicente
Padre Jean Morin, cm

Preparação do Ano Jubilar do 350º aniversário da morte dos Fundadores

- 127 Santa Luisa de Marillac
I - Testemunhas falam e agem
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos
- 142 Duas vidas diferentes e paralelas, um mesmo destino!
Padre Benito Martinez, cm

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 14 de março de 2009

À todas as Filhas da Caridade

Minhas queridas Irmãs,

Ao aproximar-se da festa de Santa Luísa, e poucos dias depois do 75º aniversário de sua canonização (11 de março de 1934), alegra-me entrar em comunicação convosco para assegurar-lhes minha união de coração e de oração nesta ocasião e oferecer-lhes um pensamento de nossa Fundadora, tesouro de radicalidade e de sabedoria tingido de humor:

“Se a humildade, a simplicidade e a caridade que dão o suporte, estão bem enraizadas em cada uma, sua pequena Companhia estará composta de tantas outras santas, quantas pessoas as constituem. Não temos, porém, de esperar que seja a outra que inicie; lancemo-nos todas à luta”. (Escrito, página 604, carta à Irmã Cecília Inês, 8 de janeiro de 1657).

Permitam-me acrescentar, a esta mensagem de festa, algumas notícias de família. Em primeiro lugar, quero evocar a visita que eu fiz com Irmã Blanca Libia Tamayo às Províncias de Bogotá (Colômbia) e Equador em fevereiro passado. São apenas alguns ecos breves de ricos e belos dias passados em companhia das Irmãs destas duas Províncias.

A Província de Bogotá celebrava seus 50 anos de existência e nos unimos com as Irmãs em sua celebração jubilar, ação de graças pelo passado, discernimento dos desafios atuais e planejamento para os próximos anos, especialmente no âmbito da formação vicentina. Percebi as dificuldades nascidas da situação política e admirei a coragem das Irmãs que estão presentes em zonas onde a guerrilha permanece bem ativa. Constatei também o quanto a erupção de um vulcão, em Huila, no mês de novembro passado, devastou uma região inteira, destruindo casas, culturas de subsistência e também um Colégio de nossas Irmãs, totalmente coberto de barro e onde restou somente uma grande estátua da Virgem Maria.

Na Província do Equador, fiquei igualmente impressionada com a vitalidade e a esperança de nossas Irmãs, sua proximidade com os pobres, a preocupação que têm com a formação de seus colaboradores. Lá também, mas de uma forma diferente, elas enfrentam uma situação política complexa, principalmente no campo da educação. Alguns dias antes de nossa chegada, o Colégio de Riobamba, inscrito como patrimônio cultural nacional, havia queimado totalmente durante uma noite. As Irmãs conseguiram continuar as aulas para os 643 alunos do primário e do secundário em outros locais, graças à sua inventividade e à generosidade da população do lugar.

Peço-lhes orações pelas Províncias de Madagascar e Eritréia. A Visitadora de Madagascar me escreveu recentemente, explicando-me que, se desde o ano de 2002 percebia-se uma restauração do país, os recentes conflitos políticos já destruíram o fruto dos esforços empreendidos. Ela acrescenta que as pessoas do Sul lutam para ter água e algo para comer, enquanto que a luta política causa estragos nas ruas da capital.

Na Eritréia, as conseqüências da crise financeira mundial e da política do regime em vigor, enfraquecem o país e complicam o serviço que nossas Irmãs prestam aos pobres do país. Por este motivo lhes serão enviados containeres com produtos de primeiras necessidades, arroz, leite, açúcar.

Que estes aspectos da vida das Irmãs de algumas Províncias fortaleçam nossa “comunhão interprovincial” e nossa solidariedade, que alimentem nossa oração!
Feliz festa de Santa Luísa e feliz festa também de São José, com uma intenção particular pelas Irmãs de todos os nossos Seminários!

Com toda a minha afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Casa Mãe

Conferência de 25 de março de 2009

Minhas Irmãs, permitam-me começar dizendo que este é um dia privilegiado para dar graças a Deus por todas aquelas que renovaram sua doação a Deus. A Igreja, os consagrados engajados no seguimento de Cristo, a Família Vicentina, os pobres e aqueles a quem servem, e mesmo, o mundo que não conhece bem o compromisso que fazem, lhes agradecem.

Hoje, centrarei minha reflexão em quatro pontos essenciais: a situação mundial; a dimensão eclesial; a vida consagrada e a Assembleia geral das Filhas da Caridade de 2009.

1 – A situação mundial

Renovando os votos hoje, cada Irmã confirma que Deus é bom e, ao mesmo tempo, manifesta o desejo de cumprir Sua vontade num mundo centrado em si mesmo, que não sabe escutar nem amar. A crise econômica na qual o mundo se encontra é a pior da história da humanidade, dizem os especialistas. De certo modo, o mundo implora às pessoas de boa vontade a agir de maneira que possam transformar o mundo. E pelo ato que realizam hoje, isto é, a Renovação de seus votos, cada Irmã se compromete com esta transformação. À luz da fé, toda situação de crise tal como a crise econômica mundial que nós vivemos, pode ser também um tempo de graça, uma ocasião de olhar as coisas de uma maneira nova, de adotar estilos de vida diferentes. Estes votos que cada um de nós é chamado a pronunciar diante do Senhor, ajudam-nos claramente a viver um estilo de vida frequentemente mal compreendido pelo mundo e que é, portanto, um estilo de vida que o mundo necessita.

2 – A situação mundial

O segundo ponto principal desta conferência trata do contexto eclesial e do que a Igreja pode dizer-lhes sobre este dia de Renovação e o que, em resposta, cada Irmã pode dizer à comunidade dos cristãos. Como este ano, na Igreja, celebramos o ano de São Paulo, gostaria de destacar aqui as duas dimensões da vida de Paulo: primeiramente, sua conversão pessoal e, em seguida, sua missão.

* A experiência da conversão de Paulo tal como ele relata, é significativa. Orgulhoso e cheio de zelo, Paulo persegue a nova Fé. Mas no momento em que ele cai de seu cavalo, ele que era forte e poderoso, numa posição de dominação por suas capacidades intelectuais e sua sabedoria reconhece-se humildade e torna-se capaz de deixar-se conduzir por outros. Ele faz a experiência do Deus de Jesus Cristo. Seus olhos se abrem e ele pode perceber a verdade da mensagem de Jesus e a maneira clara de aderir à vontade de Deus. Da mesma maneira, podemos compreender a renovação anual dos votos que cada Irmã pronuncia diante do Senhor, como uma maneira de lhes ajudar “a cair de seus cavalos” para deixarem-se conduzir por outros, para abrir os olhos e acolher a vontade do Senhor. A pobreza é este engajamento que leva a esvaziar-se de si mesmo; a obediência aceita deixar-se conduzir por outros buscando juntos a vontade de Deus; a castidade permite deixar-se amar por Deus e preferi-lo, amá-lo em todos os irmãos sem exceção.

* A missão de São Paulo consistia em ser o animador espiritual das comunidades cristãs que ele havia criado. Paulo ajudava-as a conservar sua unidade em Cristo, manifestando seu amor uns pelos outros e servindo particularmente os mais necessitados. Em sua carta aos Colossenses (3, 12-17), Paulo exorta com eloquência os membros da comunidade cristã a viver em união total ao Cristo e com os irmãos e irmãs.

“Portanto, como eleitos de Deus, santos e queridos, revesti-vos de entranhada misericórdia, de bondade, humildade, doçura, paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, toda vez que tiverdes queixa contra outrem. Como o Senhor vos perdoou, assim perdoai também vós. Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. Triunfe em vossos corações a paz de Cristo,

para a qual fostes chamados a fim de formar um único corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo permaneça entre vós em toda a sua riqueza, de sorte que com toda a sabedoria vos possais instruir e exortar mutuamente. Sob a inspiração da graça cantai a Deus de todo o coração salmos, hinos e cânticos espirituais. Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”.

Neste texto, Paulo apresenta as características do “homem novo”, pelo qual Cristo encoraja, a voltar-nos para as realidades do alto e não as da terra. Os votos que as Filhas da Caridade pronunciam são os meios que as ajudam a responder claramente este pedido do Senhor, ajudando-as a morrer a si mesmas e a viver com Cristo (Col 3, 3). Cada um dos votos as ajuda a deixar o que é velho e a revestir o que é novo.

3 – A vida consagrada

Neste dia, é bom lembrar-se dos ensinamentos da Congregação para os Institutos de Vida consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, presidida pelo nosso co-irmão, o Cardeal Franc Rode. A instrução intitulada “*O Serviço da Autoridade e a Obediência*” é um documento muito bem escrito que fala em profundidade da relação entre autoridade e obediência. Nos *Ecoss da Companhia* de setembro-outubro de 2008, o Padre Javier partilhou conosco suas reflexões sobre este assunto. Uma verdadeira autoridade num contexto evangélico deve ser compreendido em termos de serviço: o serviço dos outros como Jesus nos mostra humildemente na noite em que Ele reúne seus discípulos para partilhar com eles sua última refeição. Jesus dá o humilde exemplo do lava-pés e, logo após, Ele nos mostra até onde vai Sua obediência ao Pai: até à morte.

A instrução fala da obediência como sendo uma maneira de escutar com intensidade de modo a perceber a voz de Deus nos Evangelhos ou nos acontecimentos. E, para vocês, esta obediência se vive no seio da comunidade. Eu cito: “*Escutar significa, com efeito, acolher o outro incondicionalmente, dar-lhe espaço no próprio coração. A escuta transmite, por isso, afeto e compreensão, diz que o outro é apreciado e que sua presença e seu parecer são levados em consideração*” (Instrução, 20).

O documento expressa também a importância da relação entre obediência e missão. Eu cito: “*Em missão se está quando, longe de perseguir a auto-afirmação, se é conduzido, em primeiro lugar, pelo desejo de cumprir a adorável vontade de Deus*” (Instrução, 24). A obediência à missão evita a não buscar apenas seu desenvolvimento pessoal. As Constituições destacam que as Filhas da Caridade são chamadas a viver em comunidade “na e para a missão”.

Para escutar Deus nos diferentes contextos onde Ele está presente, cada Irmã precisa liberar-se de tudo o que pode obstruir seu coração. O voto de pobreza preenche este objetivo e caminha junto com a obediência. Uma vez liberada de tudo o que a atrapalha, depois de esvaziar-se dela mesma, seu coração está pronto para amar mais profundamente com um amor que vem de Deus. A pureza do amor oferecida livremente aos outros torna-se possível pela castidade. Um amor casto, descentrado de si, coloca em relação com os outros. Para as Filhas da Caridade, a relação por excelência é aquela vivida com os pobres.

O serviço dos pobres ajuda cada Irmã a conhecer e a amar mais profundamente Cristo presente naqueles que sofrem, e, conhecendo Cristo, pode exercer a autoridade à maneira como Ele mesmo exerceu.

4 – A Assembleia geral de 2009

A Assembleia geral de 2009, intitulada “*Profecia e Esperança, agora e em toda parte*”. No Evangelho de Marcos, Jesus é reconhecido como um grande profeta. Era alguém que encantava as multidões por seus ensinamentos: Ele as ensinava como alguém que tem autoridade. Quando se estuda os Evangelhos, percebe-se bem claro que a autoridade de Jesus, decorre da coerência entre o que Ele diz e o que Ele faz, contrariamente aos escribas de seu tempo. Sua Assembleia geral as convida a serem profetas de esperança no mundo de hoje, a serem credíveis em suas tomadas de posições proféticas como comunidade, particularmente pelo testemunho de sua maneira de ser com os pobres e pelo dom que lhes fazem de si mesmas num serviço de amor.

Como o declarei em outros lugares, creio que a dimensão profética a que são chamadas a viver até o fim, particularmente por ocasião da Assembleia geral é de testemunhar juntas maneiras diferentes de viver. A Constituição 27 diz: *“Para servir a Cristo nos pobres, as Filhas da Caridade comprometem-se a viver sua consagração batismal pela prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que recebem deste serviço seu caráter específico”*.

A qualidade do serviço pode ser profética. No início desta conferência, fiz alusão ao fato de que o mundo lhes agradece embora não compreenda o que vivem como Filhas da Caridade. Os votos as ajudam a ser proféticas.

- Segundo os critérios do mundo, o valor de uma pessoa depende do que ela possui. Seu voto de pobreza diz “não” a isto, mas “sim” à qualidade do dom de sua vida.

- O mundo atual encoraja um sentimento exagerado do amor de si. Seu voto de castidade diz “não” a este tipo de amor e diz “sim” ao dom de si por amor a Deus.

- O mundo diz que vocês se realizam fazendo suas próprias obras. Seu voto de obediência diz que vocês chegam à realização fazendo as obras de Deus, sua vontade e não a sua.

As Filhas da Caridade dão um testemunho profético pelos votos de pobreza, castidade e obediência vividos no contexto do serviço dos pobres. Ao mesmo tempo, os votos as ajudam a serem fiéis ao seu compromisso para com os pobres, em solidariedade com eles, no amor que lhes oferecem e na fidelidade em servi-los.

Que este dia de renovação seja o de uma vida nova num serviço generoso aos pobres, como verdadeiras Irmãs, membros de uma comunidade. Que Deus lhes conceda a graça de cumprir o que renovaram hoje, durante cada dia deste ano novo.

Padre Gregory GAY
Superior geral

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

Casa Mãe, 22 de março de 2009

Retiro de Renovação

A mística vicentina

Neste Retiro que precede a Renovação de 2009, convido-as a considerar um dos pontos mais característicos da espiritualidade vicentina. Pertencemos a uma tradição espiritual iniciada por São Vicente, e que chegou até nós com o nome de “espiritualidade vicentina”. Sem dúvida alguma, uma de suas contribuições mais originais na Igreja consiste na integração desses dois pólos: “ação” e “contemplação” ou “contemplação” e “missão”. Falaremos também de “mística vicentina”. Todas elas são diferentes maneiras de referir-se à mesma realidade.

“A contemplação na ação”, São Vicente falou dela às Filhas da Caridade com esta frase tão descritiva e significativa: *“Dez vezes ao dia uma Irmã irá ver os pobres, e dez vezes ao dia, neles, encontrará Deus”* (Coste IX, p. 252; cf. X p. 332; X p. 679-680; IX p. 5-6; XI p. 33). Para São Vicente, é possível e necessário que as Filhas da Caridade descubram e se unam a Deus, não apenas quando estão na capela fazendo oração ou celebrando a Eucaristia, mas também no serviço dos pobres ou outros. Certamente, sob esta espiritualidade integradora, há uma experiência pessoal que a tornou possível, já que São Vicente não foi teólogo de gabinete,

mas uma pessoa prática, com os pés bem firmes no chão e acostumado a refletir sobre sua própria maneira de viver.

No filme *Monsieur Vincent* de Jean Arnouilh, temos uma abordagem desta experiência do pobre, que São Vicente viveu e que o levou também a repetir, com tanta força e com tanta convicção a frase que transcrevemos acima. Em um determinado momento do filme, a câmera se detém durante longos segundos nos olhos de São Vicente. É um primeiro plano. Seu olhar se mantém fixo, perdido, sem se centrar em nenhum ponto concreto. Suas mãos estão recolhidas. Tudo mostra que está muito centrado em algum pensamento ou em alguma vivência interior muito forte. De repente, seus lábios se abrem suavemente e a duras penas, ouve-se esta frase: *“Perdão, Senhor, perdão, não sabia nada; não sabia nada!”* Para nós, estas palavras são misteriosas. Sabemos muito bem que São Vicente acaba de fazer a grande descoberta, que transformou sua vida. Compreendera agora, com muita profundidade e com muita clareza, o capítulo 25 de Mateus; *“Cada vez que fizerdes isto a um de meus pequenos, é a mim que o fareis”*. Certamente São Vicente conhecia esta passagem e a tinha meditado muitas vezes, porém, é neste momento, que se lhe apresenta luminosa, com uma profundidade e um sentido totalmente novos. Esta é a experiência que seguramente também nos aconteceu alguma vez: uma passagem evangélica ou um salmo, lido muitas vezes, de repente, se enche de sentido, e sem saber por que começamos a entendê-lo com muito mais profundidade. Algo assim aconteceu com São Vicente ao refletir Mateus 25. Foi um raio que caiu diretamente sobre ele e que o fez começar a ver a vida de uma maneira diferente. Se Jesus Cristo se identifica com os pobres, isto significa que no serviço que lhes prestamos e nos trabalhos com eles, podemos encontrar-nos com Deus. Assim refletiu São Vicente. E esta simples conclusão o levou a iniciar na Igreja uma espiritualidade integradora entre a ação e a oração. Ele a expressou na frase que lembramos no princípio: *“Dez vezes ao dia uma Irmã irá visitar os doentes, e dez vezes ao dia neles encontrará Deus”*.

Por que esta “mística vicentina” é importante para poder servir os pobres e, a partir deste serviço, poder ser profetas no mundo em que nos cabe viver? Porque dificilmente o serviço ao pobre pode ser compreendido e vivido se não se partir da fé, da sacramentalidade do pobre. Esta convicção é muito necessária numa sociedade horizontalista na qual se valoriza somente a eficácia. Se a Filha da Caridade não vive e age a partir da descoberta de Cristo na pessoa do pobre, cai no perigo de converter-se numa simples voluntária social, esvaziar de sentido seu modo de vida evangélico-vicentino e perder sua significado profético. Por isso São Vicente insistia tanto em uma fórmula que todas as Filhas da Caridade sabem de cor, e que é uma das chaves para compreender sua identidade: *“Deve doar-se a Deus para amar Jesus Cristo e servi-Lo na pessoa dos Pobres”* (Coste IX p. 592). Todas as conferências do Fundador estão cheias de recomendações, expressões e insistências como a citação que acabamos de apresentar. As Constituições recolhem bem esta espiritualidade vicentina com fórmulas modernas, mas, que respondem à intuição genial de São Vicente. Por exemplo, a C. 21b assegura às Filhas da Caridade que *“quando as necessidades urgentes do próximo o requerem, têm que saber deixar Deus contemplado na oração, para voltar a encontrá-lo no pobre”*.

Convém insistir esta mística do serviço ou nesta contemplação na ação, porque a experiência nos diz que, sem essas convicções e motivações renovadas sobre o pobre e o serviço, as Filhas da Caridade acabam desmotivando-se vocacionalmente. Quando no serviço se despojam desta mística, algumas Irmãs chegam à conclusão de que podem realizá-lo fora da Companhia. Outras, pelo contrário, podem cair num ativismo desenfreado ou num profissionalismo que vai secando outras dimensões de sua vocação.

ESPIRITUALIDADE VICENTINA: ESPIRITUALIDADE INTEGRADORA

A espiritualidade vicentina é integradora: ela supera a dicotomia “espaços sagrados” – “Espaços profanos”, para chegar à conclusão de que Deus está nuns e noutros. Certamente a capela é lugar de adoração e de encontro com o Senhor, através dos sacramentos, de sua Presença, de sua Palavra, da Comunidade que se reúne em seu Nome e da oração pessoal com Ele. Mas, Deus também está, manifesta-se e, portanto, é possível encontrá-lo no mundo, entre as pessoas que se serve e com as quais se convive, nas diferentes situações e acontecimentos da vida, sejam estes universais ou locais. Parece lógica esta espiritualidade integradora, se levarmos em conta que Deus foi o Criador de tudo o que existe neste mundo, e que sua Providência é a janelas através da qual Ele segue tudo o que aqui acontece.

Entre a capela e o mundo não pode haver muita separação. Evidentemente, são lugares diferentes e os dois necessários para uma Filha da Caridade, porém, um deve levar ao outro. Aí está a integração à qual nos convida São Vicente: o encontro com Deus na capela, através da oração pessoal e comunitária, ou através da celebração dos sacramentos, deve transformar-se em energia para o serviço ao pobre. Para isso apontava São Vicente quando insistia com os missionários e as Filhas da Caridade que a oração deve culminar em algum compromisso concreto. A oração desemboca na vida; do contrário esse encontro com Deus não terá sido bastante profundo. Na realidade, tudo o que foi vivenciado no serviço e na comunidade, dificuldades, alegrias, preocupações, situações diferentes, pessoas..., tudo isso deve ser levado à oração. As alegrias e as conquistas, para dar graças a Deus. Os problemas e as dificuldades, para pedir suas luzes e sua força. As preocupações para nelas projetar a luz da Palavra e discernir qual é sua vontade. Não se deve deixar à porta da capela o que se viveu no serviço, para que nada interfira no diálogo com Deus. Por conseguinte, os pobres, o serviço, a vida de comunidade, têm um lugar na capela. Mas, atenção, trata-se de um diálogo, não de um monólogo, nem de um momento tranquilo para programar a nova jornada de costas para Deus.

A espiritualidade integradora nos faz compreender que não existem duas experiências, mas uma só vivida em dois tempos. Moisés, por exemplo, encontrou-se com Deus na sarça ardente (cf. Ex. 3, 1-14). E também se encontrou com Ele quando guiava o Povo à Terra prometida. Jamais esqueceu a experiência da sarça e também o povo com suas necessidades, suas exigências e inclusive seus pecados o levou continuamente a Deus. Para Moisés, a sarça e o povo tornaram possível seu encontro com Deus. Para São Vicente, a capela e os pobres. Ele o expressou na arquiconhecida frase de *“Deixar Deus por Deus”*. Por consequência, existe duas formas de contemplação na ação. Detenhamo-nos sobre esta segunda maneira de encontrar Deus.

DIFICULDADES QUE IMPEDEM ENCONTRAR DEUS NA VIDA

Existe muitas razões pelas quais não é fácil encontrar Deus servindo os pobres. Mas, creio que a maior parte das dificuldades tem por origem:

O CONTEXTO NO QUAL NÓS VIVEMOS E TRABALHAMOS

A pós-modernidade nos trouxe uma desconfiança grande de tudo aquilo que não se pode contar, medir ou apalpar. A fé tem sido uma dessas realidades colocadas sob suspeita. E sua consequência mais clara foi o enfraquecimento da própria fé, expressado em formas diferentes: a incredulidade, a indiferença e o agnosticismo na atualidade. O “eclipse social de Deus” projeta sombras sobre as próprias convicções pessoais, e a superficialidade ambiental facilmente desvia a atenção para as coisas materiais. Hoje em dia, por exemplo, é relativamente fácil se deixar levar pelas fofocas dos personagens da moda ou prender-se às novelas televisivas, que se projetam em capítulos diários para gerar dependência nos expectadores. Com tudo isso, se propicia a superficialidade e, por conseguinte, a manipulação.

Por outro lado, a tecnologia, tão presente nas sociedades desenvolvidas, está favorecendo a aparição de uma nova mentalidade utilitarista, pragmática, interessada unicamente pela utilidade das coisas. Esta nova mentalidade termina esvaziando a capacidade contemplativa do ser humano. Por capacidade contemplativa compreendemos a possibilidade do ser humano ir mais além do aspecto útil das coisas, ou perguntar a si mesmo o sentido de determinadas situações. Diante de um computador ou de um carro moderno, por exemplo, hoje não ocorre a ninguém agradecer a Deus porque, através da inteligência humana tornou-se possível estes avanços maravilhosos. Ou, simplesmente, admirar a inteligência humana, quando esta se põe a serviço do bem. Ou então, a pessoa procurará conhecer seu funcionamento, suas prestações, seu preço. Esta mentalidade prática está influenciando tudo. As coisas são úteis, é certo, porém, têm também um sentido. Este último não se beneficia com a cultura atual, preocupada unicamente com a utilidade das coisas. Pois bem, toda esta mentalidade nos influencia, queiramos ou não, a nós que devemos ser contemplativos na ação. E pode influenciar-nos levando-nos a um ativismo que impede pararmos para pensar por que e por quem fazemos o que estamos fazendo.

NOSSO SER INTERIOR

O consagrado que fez uma opção de seguir Jesus Cristo pode, no entanto, encontrar dentro de si zonas atéias que o impedem levar a sério a inefável presença de Deus em sua vida e nos acontecimentos pelos quais tem de passar. Há alguns anos apareceu um livro que produziu um pouco de escândalo entre as pessoas da Igreja. Intitulava-se: *“O ateísmo dos religiosos”*. Evidentemente, este livro não afirmava que os religiosos fossem ateus, mas, que poderia haver na vida dos consagrados zonas onde o Evangelho ainda não havia penetrado. Portanto, quanto mais zonas atéias houver dentro de uma pessoa, mais difícil será para ela perceber Deus em sua vida e na vida em geral. Podemos ter uma fé teórica, fundamentada em uma boa formação e, não obstante, incapaz de iluminar e de responder às questões vitais de todos os dias. É na vida ordinária que se comprova a força da fé e, mais concretamente, nas situações duras que a vida apresenta. Estas poderão fazer sofrer, porém, a pessoa de fé nunca perderá a paz, nem se deixará invadir pelo medo. *“Uns confiam em seus carros, outros nos cavaleiros”*. *“Nós invocamos o Senhor nosso Deus...”* (Sl 19). *“Eu me abrigo no Senhor. Por que me dizeis: fugi para os montes, passarinho?”* (Sl 10).

Evidentemente, se não existir este sentido de que Deus é Providência e que se manifesta no mundo que criou, teremos dificuldades em captar a presença de Deus nas pessoas e nas situações concretas.

TRÊS VERBOS CONDUZEM À MÍSTICA VICENTINA

A contemplação não tem nada a ver com os êxtases ou outras manifestações mais ou menos extraordinárias, que alguns privilegiados experimentam em seus momentos de oração. O contemplativo na ação, no serviço, na missão, não é alguém que faz coisas extraordinárias ou que esteja dotado de qualidade sobrehumanas... mas vive seu serviço (o que seja) com simplicidade, com uma consciência clara de que está cumprindo a vontade de Deus. Sabe ver nas pessoas o reflexo do próprio Deus, embora, às vezes, as atitudes percebidas pareçam não revelar Deus. Numa situação inesperada, dirigir-se a Deus: *“Meu Deus, o que devo fazer? Diz-me como fazê-lo?”* Através de seu serviço, vivido em profundidade, uma Filha da Caridade é uma “contemplativa ativa”. É o que São Vicente tinha em mente quando repetia às primeiras Irmãs que era preciso encontrar Deus no pobre que serviam. Agora, vou apresentar-lhes três verbos que podem fazer do serviço dos pobres um verdadeiro encontro com Deus.

VER

Há uma diferença entre “olhar” e “ver”. Por exemplo, olha-se uma vitrine, uma paisagem, a hora do relógio, mas vê-se uma pessoa, uma situação que nos preocupa, um livro ou um filme que nos interessa. Ver é mais profundo do que olhar. Com frequência, “ver” é sinônimo de compreender uma situação. Na mística vicentina, “ver” é ir mais além dos sentidos e das aparências. Saber “ver”, por exemplo, num rosto sujo e maltrapilho de uma pessoa alguma coisa mais do que a forma física desagradável, percebida pelos olhos. Num grupo que celebra a vida num clima fraterno, pressente a alegria de Deus. Sem este olhar de fé, não é possível descobrir a verdade profunda dos acontecimentos e das coisas, embora se façam interpretações muito agudas a partir de ponto de vista científico, psicológico ou social. Todas as realidades criadas são “teofanias”, “lugares teológicos” que nos podem falar de Deus. Se não se chega até aqui, não há contemplação.

Para fazer esta leitura teológica das coisas e das situações, é preciso a ação do coração. Na carta aos Efésios (1, 17-18), São Paulo pede *“que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo... ilumine os olhos dos vossos corações”*, justamente para ver além dos sentidos. Na obra de Saint-Exupéry, a raposa lembra ao pequeno Príncipe *“só se vê bem com o coração: O essencial é invisível aos olhos”*. No Evangelho, Jesus vê sempre além das coisas. Assim, por exemplo, através dos lírios do campo e dos pássaros do céu, soube chegar àquele que os veste e alimenta (cf. Lc 12, 25-28; Mt 6, 26-27). Com o homem da mão parálitica, chega ao Pai que quer sua libertação e a de todas as pessoas (cf. Mt 12, 9-14; Mc 3, 1-6). O contato com os pobres, os pecadores e os excluídos o levou a descobrir o Deus apaixonado e defensor de todos eles, seus filhos prediletos (c. Mc. 2, 13-17; Mt 5, 17-26; 7, 12-17). Do silêncio de Deus que experimentou na cruz, chegou ao Deus que estava no fundo desse silêncio (cf. Marcos 15, 1-47). E para desfazer toda dúvida possível, não empregou rodeios para censurar os fariseus por suas torpezas e cegueira, para descobrir o querer de Deus (cf. Mt 16, 1 ss). *“Hipócritas, se sabeis interpretar o aspecto da terra e do céu, por que não sabeis interpretar o momento presente?”* (cf. Lc 12, 56).

Em síntese, para Jesus, o mundo não foi obstáculo para a contemplação de Deus, mas “lugar” de escuta da vontade salvífica de seu Pai. Seu caminho espiritual específico não consistiu em evitar o barulho do mundo para contemplar melhor a Deus, mas, para contemplar e amar a Deus no meio de tudo isso. Exatamente o mesmo caminho que São Vicente percorreu. (cf. J. A. GARCIA, *En el mundo desde Dios*. Ed. Sal Terrae, Santander 1989, 107-120).

ADORAR

Quando uma Filha da Caridade encontra Deus servindo os pobres e sabendo que são os beneficiados de seu serviço, brota nela um sentimento de adoração. Para ela, todo encontro é na origem uma atitude de adoração. “*Tira as sandálias, porque o lugar em que estás é terra sagrada*” (Ex 3, 5), diz o Senhor a Moisés, no monte Horeb, enquanto guardava seu rebanho de ovelhas. As Constituições dizem que as Irmãs servem os pobres com “devoção” (cf. C. 10b). Este sentimento nos invade quando nos encontramos com o Senhor. Esta expressão das Constituições é muito significativa: sem esta atitude de devoção, o encontro com o Senhor corre o perigo de tornar-se trivial e o serviço converter-se-ia em mero serviço social. Como descrever a maneira de encontrar Deus no serviço dos pobres? Por uma atitude humilde ou com a certeza de quem se sabe enviado por Deus? Nas Constituições, quatro palavras acompanham o serviço feito com devoção: a doçura, a compaixão, a cordialidade e o respeito (cf. C. 10b). Meditemos sobre cada uma destas palavras, pois, com a consciência da presença do Senhor, elas desenvolvem a atitude de adoração ou de devoção.

Este encontro consciente produz, além disto, gozo, confiança, entrega incondicional, alegria. É bem possível que a Filha da Caridade que vive seu serviço (não importa qual) com a consciência de estar cumprindo a vontade de Deus, não se veja cheia dos sentimentos que acabamos de mencionar. A razão é bastante convincente: parece impossível entrar em contato com Aquele de quem somos imagem por amor, de quem procedemos como criaturas nascidas de seu amor, sem que se produzam em nós sentimentos de gratidão, de gozo, de confiança, de entrega de nossa vida. Algo assim deve ter sucedido a Paulo quando em meio de perseguições, pancadas e perigos de morte, atreve-se perguntar: “*Se Deus está conosco, quem estará contra nós?... Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus*” (Rm 8, 35-39). E, em Filipenses, recomendava insistentemente: “*Permaneçam alegres no Senhor; eu vos repito, permaneçam alegres*” (Fl. 4, 4).

Toca-nos fazer a seguinte reflexão: e se no serviço (seja qual for) uma Filha da Caridade não vive com gozo, confiança, alegria, ela deve perguntar a si mesma como está realizando o serviço, se nele está encontrando-se com o Senhor e O reconhece como tal.

SERVIR

Deus age sempre como um “trampolim”: quem se encontra com Ele, automaticamente se sente convidado a trabalhar pelo seu Reino. E o “Reino de Deus” pode ser fonte de uma tal alegria que provoque a venda de tudo para ficar com Ele, como nos assegura no Evangelho de (Mt 13, 14). O que queremos dizer com tudo isso? Que o serviço bem realizado com o espírito vicentino, compromete cada vez mais e leva a fazê-lo cada vez melhor. A razão é bastante clara; no serviço descobre-se o Deus apaixonado pelos pobres e desamparados; e esta descoberta anima enormemente a Filha da Caridade a continuar cumprindo o que Deus lhe pede, porque aí, precisamente, se encontra o sentido de sua vida. Quanto mais se entrega ao serviço, mais descobre Deus, e quanto mais descobre Deus, mais força experimenta para servir os pobres. A profissional pode fazer o mesmo trabalho e ser tão eficiente ou mais que uma Filha da Caridade. Porém, o motivo é diferente: o da profissional será o salário e/ou sentir-se útil. Aqui fica tudo! O motivo da Filha da Caridade é o cumprimento da vontade de Deus, que dá uma projeção muito mais profunda à sua vida. “*Doadas a Deus para servir os Pobres*”, diz o Capítulo II das Constituições. Evidentemente, este motivo não nega as compensações humanas que toda Filha da Caridade possa experimentar no seu serviço. Pois bem, o motivo essencial de sua vida não poder ser outro senão Jesus Cristo.

ALGUNS MEIOS PARA FORTALECER A CONTEMPLAÇÃO VICENTINA

* O primeiro me é sugerido pelo E. 4, onde se pede às Filhas da Caridade que, cada dia (num momento previsto no Projeto Comunitário), releiam sua vida para descobrir a ação do Espírito nelas, dêem graças a Deus e revisem sua fidelidade. É novo este Estatuto. Foi reformulado a partir do que diziam as Constituições de 1983 sobre o exame particular e geral, mais centradas sobre a revisão do comportamento. As Constituições atuais dão um novo enfoque: trata-se de compreender a si mesmo como um dom de Deus, como alguém que surgiu do amor de Deus, e onde o Espírito não deixa de agir. Isto é muito mais profundo do que centralizar-se nas obras, nas atitudes ou no comportamento. É compreender que o próprio ser é dom de Deus, sua imagem, obra de suas mãos. Este exercício contemplativo ao qual nos convida o E. 4, inevitavelmente produz confiança, gozo, esperança, segurança porque leva à mesma experiência de São Paulo: *“Sei em quem depositei minha confiança”*. Se olhar a vida, o serviço com os olhos de Deus. Isto não é fácil de viver, pois os acontecimentos não são sempre alegres, a vida impulsiona a ter um desejo exagerado de consumação e de competitividade.

É importante também rezar a partir de nossa história pessoal, como parte da própria vida: podemos fazer isto sob o signo da fidelidade. Evidentemente, esta fidelidade não se refere tanto à da pessoa (com frequência infiel), mas a outra mais profunda, a fidelidade de Deus. Esta é muito mais importante do que a própria, Mais ainda, a fidelidade humana apóia-se na divina. Rer o próprio passado levará a compreender que Deus esteve presente em todos os momentos da própria vida: nos bons, para convidar-nos à alegria, ao gozo e à festa; e nos mais difíceis e duros, conduzindo-nos a uma entrega confiante Nele. Também o próprio futuro pode ser objeto de contemplação e adoração diante do Senhor. Às vezes, o futuro provoca medo; outras vezes, esperança, ilusão. E quase sempre incerteza. Orar o futuro consiste em apresentá-lo ao Senhor, e compreender que somos chamados a vivê-lo (seja o que for) não sozinhos, mas com Ele. O *Cântico das Criaturas* de São Francisco de Assis é um belo exemplo de alguém que soube contemplar sua própria vida e a vida em geral, a partir de Deus.

* Um segundo meio para crescer na contemplação vicentina m’o oferece o agir de São Vicente depois de sua conversão. Diante de situações de pobreza e de sofrimento dos marginalizados do seu tempo, Vicente experimenta muitas tristezas e preocupações, ao mesmo tempo em que se sente fortemente impulsionado a lutar para melhorar a sorte dos que sofrem. Isto é o que refletem os textos a seguir: *“Os pobres, que se multiplicam todos os dias, que não sabem para onde ir nem o que fazer, constituem meu peso e minha dor”*. Ou este outro que escreveu por ocasião da guerra da Fronda de 1652: *“A fome é tanta que vemos os homens comendo a terra, pastando ervas, tirando a casca das árvores, rasgando os farrapos que os cobrem, para comê-los. Mas o que não ousaríamos dizer, se tivéssemos visto e que causa horror, eles comem os próprios braços e as mãos e morrem neste desespero”* (Coste IV p. 300). No texto seguinte, vemos um tom completamente diferente, que reflete a solicitude de Deus: *“Deus ama os pobres, por conseguinte, ama aqueles que amam os pobres; pois, quando se ama muito a uma pessoa, sente-se também afeto pelos seus amigos e servidores”* (Coste XI p. 392). São Vicente se expressa nestes termos que fazem sofrer e degradam o ser humano e, ao mesmo tempo, compreendeu seu convite para lutar contra a pobreza e a alegria que se sente quando nos ocupamos dos pobres, os seus prediletos.

Podemos contemplar Deus no meio do mundo e no serviço concreto ao pobre. Deus sofre em todas as situações de abusos, de maus tratos, desprezo, violências de todo tipo que vemos nos jornais, TV ou rádio Ele as condena, mais ama e alegra-se com todas as ações realizadas com amor, espírito de serviço que produzem a vida. Eis aqui uma maneira de contemplar a vida e alimentar, a partir das atividades, o ardor do serviço dos pobres. Portanto, diante de qualquer situação, diante de um acontecimento, diante de determinados tipos de pessoas, é necessário que uma Filha da Caridade se acostume a perguntar-se o que é que Deus está dizendo, e por onde deverá ir sua resposta. Este foi o método de discernimento que utilizou São Vicente, e pode ser também o nosso.

* O terceiro meio para entrar na contemplação vicentina é o encontro com Deus no coração do trabalho bem feito. Qualquer que seja sua atividade, uma Filha da Caridade que realiza seu serviço com um espírito vicentino, aí encontra-se com Deus (não falamos do ponto de vista profissional). Esse encontro com Deus é sempre reparador, mesmo encontrando dificuldades. O artigo 16 das Constituições diz que todo serviço realizado com espírito vicentino alimenta mais a Filha da Caridade do que a desgasta. A razão é clara: alimenta porque o serviço possibilita o encontro com Deus. Estou convencido de que quando uma Filha da Caridade tem o hábito de deixar o primeiro lugar a Deus em sua vida de serviço, ela é muito menos stressada. Pela mesma razão, seu serviço será fonte de alegria e de confiança.

Por aí passa a mística vicentina: a contemplação na ação. Esta mística vicentina não se improvisa, mas, se prepara na oração intensa e profunda. Se nossa oração não for profunda, ela não conduz ao profetismo; aqui não é uma questão de tempo, mas de intensidade. Mesmo longa, uma oração superficial não permite fazer uma experiência de Deus, nem transforma o nosso coração e nem leva a encontrar Deus em nossa vida. A oração profunda sempre termina transformando a pessoa, isto é, o Senhor acaba conquistando todo o nosso ser: cabeça, coração e mãos. A cabeça assimila os critérios e os valores evangélicos em contraposição aos do mundo. O coração alarga-se para amar mais a Deus, os pobres, as Irmãs, até conquistar para Jesus Cristo a afetividade profunda da pessoa. As mãos expressam concretamente o amor através das obras de serviço e de evangelização.

O artigo 21 das Constituições sublinha este aspecto: a oração é um dos momentos fortes da jornada das Filhas da Caridade... não podem subsistir se não fazem oração..., é preciso, pois, tempos de silêncio... Na oração diária, a Filha da Caridade grava a imagem de Jesus Cristo no mais profundo de seu coração, na sua mente e na retina de seus olhos, para reconhecê-Lo e contemplá-Lo no serviço que lhe foi confiado. É o mesmo rosto de Jesus Cristo contemplado em duas atividades diferentes, porém, interconectadas entre si: a oração e o serviço.

Padre Javier ALVAREZ
Diretor geral

DESAFIOS ATUAIS

Província da Áustria

Não precisamos de homens que construam muros,
mas de construtores de pontes

“Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que isto seja à custa dos nossos braços e com o suor dos nossos rostos. Porque, muito seguidamente, tantos atos de amor a Deus de complacência, de benevolência e outros afetos semelhantes e práticas interiores de um coração terno, posto que muito bons e desejáveis, são, no entanto muito suspeitos, quando não se chega à prática do amor efetivo... E é com isso que devemos ter muito cuidado, porque há vários que, para ter um exterior bem composto e um interior cheio de grandes sentimentos de Deus, detêm-se nisto e quando se chega aos fatos e se encontram na ocasião de agir, esquecem tudo... Não! Não nos enganemos! Totum opus nostrum in operatione consistit”.
(São Vicente XI, 40-41)

Em 1948, as Filhas da Caridade da Província abrem um Jardim de Infância a Graz colocando-o sob o Patronato da Santíssima Virgem. As Irmãs acolhem aproximadamente umas cem crianças.

Em maio de 1966, para responder às novas normas da lei, o Jardim de Infância se torna escola maternal e as crianças são distribuídas em 4 classes.

17 anos depois, as Irmãs abrem uma classe especial para acolher 15 crianças deficientes.

Durante os últimos anos, por causa da evolução da sociedade, as Irmãs acolhem cada vez mais crianças de diferentes países. As Irmãs são confrontadas com os novos desafios pedagógicos e sociais.

Hoje, as Irmãs acolhem 125 crianças de 34 nacionalidades diferentes, distribuídas em 5 classes. 80% destas crianças falam uma outra língua materna e não falam o alemão: situação que nos traz muitos problemas:

- Um grande número de migrantes de origens diferentes (*pais que deixaram seu país em condições dramáticas por causa da guerra ou de perseguições, famílias que tendo fugido da pobreza para oferecerem aos seus filhos um futuro melhor, a espera de um contrato de trabalho*). O futuro incerto conduz à

depressão muitos destes pretendentes de asilo e torna a comunicação difícil, pois muitos deles não vêm a necessidade de aprender a língua alemã.

- As famílias de língua alemã, preocupadas diante desta situação, temem que se favoreça, primeiramente, os filhos de “estrangeiros” e que os seus não beneficiem de um ensino de qualidade.

As Irmãs são constantemente confrontadas com este tipo de questões e devem encontrar uma resposta adequada.

Será que é realmente fácil falar de um único mundo quando as línguas, os sistemas de educação são diferentes? Nós mesmas estamos imersas nesta situação conflitual. Como superar este desafio no dia-a-dia?

Para conseguir uma boa integração, pensamos que é necessário:

*** Perceber o estrangeiro como uma riqueza e não como um perigo.**

Para muitas crianças, a integração no Jardim de Infância é facilitada pelo compromisso do pessoal de origem estrangeira favorecendo assim a mistura das culturas. A consideração da língua materna dá uma certa familiaridade a este novo ambiente. As diferenças culturais das crianças são exploradas nos mais variados aspectos como a cultura, a comida, a moradia, as relações humanas, os lazeres. Nossa meta é despertar o interesse pelas diferenças. Para isto, o trabalho com nossos colaboradores estrangeiros é essencial. Eles integram no programa cotidiano: canções, jogos e danças de países diferentes. Assim, as crianças de língua alemã aprendem as canções russas ou turcas, o que desperta nelas um interesse por outras línguas. Durante os jogos, as crianças perguntam: “Na tua língua, como se diz ‘carro’, como se conta de 0 a 10?” Esta espontaneidade das crianças mostra como se constrói pontes interculturais.

*** Respeitar aqueles que pensam de modo diferente de nós**

A tolerância é a condição prévia para acolher positivamente, modos de pensar, religiões ou nacionalidades diferentes. Quando se trata de questões éticas, religiosas ou culturais, as pessoas reagem de um modo particularmente sensível porque é questão das raízes de sua identidade. Em primeiro lugar, é necessário vencer o medo do desconhecido, cultivar a confiança, ir do *eu* ao *tu*, não *estar mais um ao lado do outro*, mas *juntos*. Muitas famílias sentem-se cansadas por este desafio. Além do trabalho pedagógico, nossa missão educativa é de apoiar as famílias das crianças.

Um domínio particularmente sensível é o da religião e das festas religiosas. A coabitação de diferentes religiões nos coloca diante de um desafio: é possível fazer alguma coisa juntos? O cardeal König dizia: “*Quando eu era jovem, conhecia as outras religiões apenas pelos livros. Agora os diferentes parceiros do diálogo inter-religioso são nossos vizinhos e colegas. Cada uma deve perguntar-se o que significa ser católico entre tantos outros cristãos. É uma das grandes questões do 3º milênio*”.

Engajadas num estabelecimento católico, zelamos para desenvolver a estima e o encorajamento de relações inter-religiosas. Oferecemos igualmente às crianças as possibilidades de aceder à fé cristã, familiarizando-as com Jesus, a história de sua vida e do amor de Deus pelos homens. Celebramos as festas e as tradições cristãs reconhecendo as riquezas das outras festas religiosas. Visitamos diferentes lugares de culto. É importante que cada um esteja bem ancorado em sua religião porque, assim, é possível viver sua fé e abrir-se aos outros cristãos.

Para compreender-se e estimar-se bem, a aprendizagem da língua exerce um papel importante. Para as crianças que não são de origem alemã, é importante que elas dominem bem sua língua materna, base essencial para a aprendizagem de uma outra língua; neste caso: o alemão. Por este motivo, os pais também devem falar a língua materna com seus filhos. No entanto, nós lhes propomos cursos nos quais o alemão é ensinado de maneira lúdica, o que lhes permite a comunicação com outros pais. Por outro lado, para as informações e as conversas importantes, pedimos ajuda de intérpretes. Os pais cujas crianças freqüentaram nosso Jardim de Infância aceitam voluntariamente assumir o papel de intérprete. Para muitos, é um modo de agradecer o que nós fizemos por seus filhos.

Nosso trabalho permite contribuir para uma cultura de paz e testemunhar às crianças e aos pais que: “embora sejamos diferentes, somos todos queridos e amados por Deus”.

Em conclusão, eis aqui um poema de Derya Tunc:

*Tu dizes: “não é meu país” e eu me pergunto: “onde é minha pátria?”
Tu pensas que eu não falo bem o alemão, mas que idioma tu falas bem?
Tu sempre praguejas contra nós, mas tu nos conheces bem?
Pensas que queremos seus alojamentos e empregos, mas tudo o que queremos é viver em paz.
Tu pensas... Vocês pensam...
Por que nós não pensamos a mesma coisa?
Por que não podemos simplesmente viver em paz juntos?*

Irmã Roswitha BAUER
Filha da Caridade

DESAFIOS ATUAIS

Província da Sardenha (Itália)

Ao serviço de uma das escravidões do terceiro milênio

O tráfico de pessoas humanas

Neste começo de terceiro milênio, nossa sociedade deve tomar consciência que existe ainda uma terrível ferida social: o “tráfico” de pessoas humanas, nova forma de escravidão que não respeita nenhum direito humano. Esta realidade é feita de violência, intimidação, dominação, abuso das pessoas. Fora dos limites do tempo e do espaço, o tráfico reduz a pessoa humana inexoravelmente ao estado de coisa e objeto de consumo. A mulher é transformada puramente e simplesmente num objeto de consumo para o prazer de alguns. Ela se torna capital financeiro para estas associações criminais, instrumento de satisfação egoísta para os clientes. Privada de sua dignidade, é vítima de um tráfico. O tráfico de pessoas humanas é uma “indústria” que destrói fisicamente e afetivamente suas vítimas.

Depois de ter esperado um futuro melhor para elas e sua família, as mulheres, vítimas de prostituição, se encontram, com efeito, privadas de todos os direitos elementares fundamentais: violentadas em sua dignidade, sua identidade e sua feminilidade, frustradas de seu direito à vida, à segurança, e à felicidade, sujeitas às condições de trabalho degradantes, extenuantes e perigosas, elas não dispõem de estatuto jurídico e são forçadas, pela ameaça e os maus tratos, a um estado de dependência total de criminosos sem escrúpulo.

As Filhas da Caridade da Sardenha a serviço destas mulheres feridas

Quando estas jovens mulheres chegam nas casas de acolhimento das Irmãs, elas manifestam sinais de desequilíbrio psíquico e psicológico. Seus meios de autodefesa se expressam por reações violentas de raiva ou de arrogância, sinais de uma grande vulnerabilidade; tudo acompanhado de um sentimento de culpa, de vergonha e de humilhação pelo que elas viveram: sentem-se sempre escravas e marginalizadas; a solidão e um sentimento de abandono as acompanham por muito tempo. No princípio, considerando sua baixa estima, elas não manifestam nenhum sinal de interesse particular, revelam-se antes apáticas e sem anseio, algumas chegam a odiar-se e desejar a morte. Este ano, uma adolescente, chegou em casa e três vezes tentou suicidar-se.

Sentindo-se julgadas e culpadas pelo mundo que as cerca, elas têm uma grande necessidade de se sentirem valorizadas, mas não conseguem recuperar a confiança em si nem nos outros. Com a personalidade

ferida, elas perderam o sentido de sua própria dignidade e a capacidade de respeitar as regras mais elementares da vida em comum. É-lhes impossível reconstruir rapidamente sua identidade. É necessário muito tempo para permitir-lhes de se integrar ao nível social, profissional, cultural e espiritual. Nossa missão é de acompanhá-las para ajudá-las a recuperar sua capacidade de viver estabelecendo relações construtivas com os outros, especialmente com a família, e tentando reintegrá-las no mundo do trabalho. Reencontrando um lugar na sociedade, elas podem regularizar sua situação civil, obtendo os documentos necessários seja para encontrar um alojamento ou retornar ao país de origem.

Projetos organizados pela Província: três Casas de Acolhimento onde estas mulheres feridas são acolhidas sucessivamente

Em Nulvi: a Casa “de fuga” (*evasão*)

É o primeiro lugar de acolhimento para estas jovens mulheres que abandonam seu “posto de trabalho”. Elas recebem aí um primeiro apoio para se reequilibrar, tratar-se e fazer as negociações junto à Polícia.

Como elas chegam em nossa casa? Graças às **Equipes da rua** (Unità di strada).

Em Cagliari, em Sassari e em Olbia, as Equipes que trabalham na rua constituem a primeira possibilidade de abordagem das jovens prostituídas. Os colaboradores leigos, protegidos pela Polícia, vão conversar com elas durante a noite, lá onde, traspassadas e desnudas, elas esperam seus clientes. Estas equipes lhes oferecem um contato humano e pessoal, uma escuta, propondo-lhes diversas soluções aos seus problemas e o endereço da Casa de “Fuga” onde Irmãs as acolhem.

Estas jovens que viveram tantas humilhações e frustrações precisam de uma cura interior feita de compreensão e de misericórdia. As equipes de trabalho na rua não as julgam, não as condenam, mas as acolhem como são e se esforçam para aliviar seus sofrimentos e devolver-lhes confiança e esperança. Neste mundo tão cruel do “Tráfico”, estas mulheres interpelam as Equipes de trabalho na rua e pedem-lhes para ser um sinal visível da presença de Deus, fazer-lhes entrever um outro horizonte. Elas pedem para sermos, em relação a elas, as especialistas em humanidade a fim de fazer emergir a verdadeira obra-prima de Deus escondida sob suas pobres aparências.

Em Flumini de Quartu: uma Casa de acolhimento (uma ex-colônia de férias)

Em Flumini de Quartu, cidade do subúrbio de Cagliari, o Centro “Santa Luísa” funciona como segundo acolhimento: lá, as jovens, vindas da “Casa de fuga” de Nulvi, continuam um projeto educacional cujo objetivo final é uma preparação profissional ou cultural e a inserção no mundo do trabalho.

Em Cagliari: uma outra Casa de acolhimento

Este ano, esta casa de acolhimento em Cagliari conta com 5 jovens mães. Recebemos cada vez mais pedidos da parte de mulheres grávidas, cuja maioria é de nacionalidade africana, que dão prova de energia e de tenacidade impressionantes: com todas as suas forças, elas recusam o aborto. Para defender seus bebês, encontram coragem de abandonar seu perseguidor, embora sabendo dos riscos e das dificuldades que elas incorrem. (Atualmente, na Casa de acolhimento de Nulvi, uma jovem espera também um bebê).

Há dois anos, as Irmãs acompanham também mulheres estrangeiras reduzidas ao estado de escravidão por motivos de trabalho ou de família. Na Sardenha, atualmente, estas situações se multiplicam: mulheres, traídas por seus concidadãos, chegam em lugares de trabalho onde elas ficam sozinhas e sofrem violências físicas, psicológicas, sexuais e recebem até mesmo ameaças de suas família que ficaram no país. Imposições para trabalhar até 16–17 horas por dia sem remuneração, elas são hospedadas em casebre, sem janela e sem luz. Os únicos contatos que têm é com seus patrões que as tratam duramente e lhes dão apenas uma refeição por dia.

O Papa João Paulo II lançou frequentes apelos pedindo-nos para tomar consciência dos novos desafios de ação que a sociedade de hoje impõe à atividade evangelizadora da Igreja. Em várias ocasiões, denunciou o tráfico de mulheres e crianças por abuso sexual, qualificando-o como problema

particularmente odioso de nossa sociedade por causa da violação dos direitos e da dignidade da pessoa humana; ele encorajou-nos a engajar-nos com zelo nesta área:

“No nosso tempo, de fato, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã... O cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu ato de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza... É hora duma nova ‘fantasia da caridade’, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre” (Novo Millennio Ineunte n° 50).

“Quem pode negar – diz ainda o Papa João Paulo II – que as vítimas deste crime não sejam frequentemente os membros sem defesa mais pobres da família humana, os últimos entre nossos irmãos?” (15.05.2002).

Irmã Ignazia MISCALI
Correspondente dos Ecos

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc, Superiora geral
e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral

Visita da Província do Equador
16 a 21 de fevereiro de 2009

“Deus é um abismo de ternura, Ele se manifesta através de fatos concretos, Ele sabe o dia e a hora”. Enquanto a Província do Equador acaba de viver um momento de grande provação com a destruição do colégio São Vicente de Paulo de Riobamba por um incêndio alguns dias antes. Foi este o momento que Deus escolheu para a primeira visita de Nossa Superiora geral à Província. Aliás, o país passa por agitações em razão da crise financeira mundial e a política do governo não é favorável em relação à Igreja. Em meio a esta situação difícil, a Província acolhe a passagem de Irmã Evelyne Franc e de Irmã Blanca Libia como sendo a passagem de Deus.

Quando a data foi fixada, toda a Província se preparou para receber a visita na alegria e na oração. Depois de uma longa viagem de 22 horas, Irmã Evelyne e Irmã Blanca Libia chegam no dia 16 de fevereiro à meia noite em solo equatoriano. A Visitadora, Irmã Piedad Rojas, e os membros do Conselho provincial estão no aeroporto para acolhê-las e desejar-lhes as boas-vindas.

No dia seguinte, as Irmãs da Casa Provincial estão impacientes para conhecer Nossa Superiora geral. Durante a Eucaristia de acolhida, o Padre Edmundo Burbano, Diretor Provincial disse: *“A visita de Irmã Evelyne ao Equador nos dá muita alegria: sua presença é reconforto e um apoio nestes momentos difíceis e dolorosos, um encorajamento a continuar lutando e trabalhando sem fraquejar na obra da liberação dos pobres”.*

Em seguida, as Irmãs da Casa Provincial apresentam as boas-vindas à Irmã Evelyne e à Irmã Blanca Libia. Desde os primeiros instantes, nós apreciamos sua simplicidade e sua bondade.

Este primeiro dia foi reservado:

- aos membros do Conselho provincial: partilhas e encontros pessoais.
- às 8 jovens Irmãs do Seminário. Depois de ter acolhido Nossa Superiora geral, uma jovem Irma lhe diz: *“Você é, para nós, como Santa Luísa quando ia visitar as primeiras Irmãs”.* Em seguida, Irmã Evelyne convida-as a falar de suas experiências e destaca alguns pontos importantes para a formação.

No dia 18 de fevereiro pela manhã, Dom Nestor Herrera, (ex-presidente da Conferência Episcopal equatoriana, Bispo de Machala) preside a Eucaristia e diz: *“Minha Madre, sua visita é, para nós, um convite*

a crescer no amor a Deus e aos nossos irmãos e irmãs. Que sua passagem no Equador estimule as Irmãs da Província em sua missão e em seu testemunho fraterno”.

Em seguida, Irmã Evelyne se reúne com as Irmãs Serventes. A Visitadora introduz a reunião: *“a primeira expressão que me vem ao coração, é um agradecimento a Deus por sua presença entre nós, querida Irmã Evelyne, pela sua primeira visita em terra equatoriana. As primeiras Filhas da Caridade, que vieram da terra dos Fundadores chegaram em 1870. Elas tiveram que superar muitas dificuldades. Atualmente na Província, somos 391 Irmãs, bem engajadas no serviço dos pobres, na educação, na saúde, na pastoral social e missionária. Temos 55 Comunidades locais. Recebemo-la com alegria, reconhecimento, entusiasmo e esperança”.*

Depois destas poucas palavras, Irmã Evelyne sublinha alguns pontos essenciais da missão da Irmã Servente como animadora da comunidade local. Sua mensagem é clara, evangélica e vicentina, seguida de uma partilha antes do almoço.

Em seguida, ela visita as Irmãs idosas do “Oásis Marillac” onde admira o testemunho de fidelidade, simplicidade e criatividade de cada Irmã. Para cada Irmã, ela dirige uma palavra de motivação.

Finalmente, Irmã Evelyne reúne-se com as Irmãs jovens no Gethsêmani. Ela lhes fala sobre a fé, a alegria, a compaixão... Num clima de confiança, o diálogo se estabelece facilmente.

Na quinta-feira pela manhã, a Eucaristia foi presidida pelo Arcebispo de Quito, Primaz do Equador, Dom Raoul Vela. Em sua homilia, ele diz: *“Obrigado, Irmã Evelyne, pela sua visita e suas palavras de reconforto! Hoje, estamos em festa porque recebemos a “primeira serva da comunidade”. Estamos em festa, porque celebramos a Palavra de Deus e a Eucaristia. Apreciamos sua afeição pelo Equador e posso dizer-lhe com espírito de fé, sua presença é uma graça para nós. Estamos felizes porque você pôde visitar e encorajar suas Irmãs. Que Deus lhe conceda os dons necessários para sua missão. Nós que somos de Riobamba, não esquecemos esta terrível provação da destruição do Colégio São Vicente de Paulo. Não esquecemos também como o solo equatoriano foi fecundado pelo sangue e a vida toda doada de onze Filhas da Caridade cuja morte foi causada pela peste em 1939”.*

A seguir, Irmã Evelyne encontra-se com as Irmãs da Província. Ao aproximar-nos da Quaresma e da Renovação dos votos, ela fala da conversão em nossa vida de Filha da Caridade. Depois de sua intervenção, instaura-se uma partilha. Durante a manhã, Irmã Evelyne visita as Irmãs doentes da Casa de Repouso “Irmã Emilia Zumarraga”. Após uma partilha com as Irmãs, ela as encoraja a continuar seu caminho. À tarde, as Irmãs idosas e doentes têm a alegria de sua visita na Casa “Betânia”. Ela transmite as notícias da Companhia, agradece-lhes por suas orações e sacrifícios e toma o tempo para saudar cada Irmã: cada uma à sua maneira expressa a ela seu afeto e respeito. O dia termina com a visita ao “Bairro Vicentino”. Lá, as crianças, os jovens, os adultos, os colaboradores, as Postulantes e as Irmãs a acolhem com alegria. Incansável, Nossa Superiora geral escuta com muita atenção os pobres e as Irmãs. Ela passa um pequeno momento com as Postulantes e as Irmãs idosas que vivem neste bairro.

No dia seguinte, o dia começa com um tempo de oração onde pedimos a Deus para nos acompanhar. Irmã Evelyne reúne-se com as Irmãs. Uma delas diz: *“Hoje, estamos felizes em conhecê-la pessoalmente o que só víamos por fotos... Gostaria de dizer-lhe que o exemplo de nossas Irmãs idosas e o acompanhamento de nossos Superiores, ajudam-nos a descobrir nossa missão: amar e defender os pobres, de acordo com as capacidades de cada uma. Todas nós, precisamos de seus conselhos e de suas palavras de encorajamento para nos tornarmos as Filhas da Caridade que Santa Luisa e São Vicente desejaram”.*

Depois de um novo intercâmbio com as Irmãs, a Irmã Evelyne dedica tempo para receber aquelas que o desejavam. À tarde, foi o encerramento da visita no seio do Conselho provincial, a Eucaristia celebrada pelo Padre José Luis Garcia, Visitador dos Padres da Missão.

No dia 21 de fevereiro, a visita termina com a Eucaristia celebrada pelo Padre Walter Eras, Provincial dos Padres Franciscanos. Na homilia ele assim se expressou: *“Neste dia de despedida, apesar da tristeza da separação, guardamos no coração a alegria desta visita, e o desejo de continuar a amar e a servir juntas, os mais pobres deste mundo”.*

Agradecemos a Deus por tudo o que recebemos através das reflexões, partilhas, notícias da Companhia e de nossas Irmãs que estão em outros países e pela viva esperança que a Província beneficiou durante esta visita. Temos igualmente um pensamento particular por tudo o que recebemos de Mère Chiron. Graças a tudo isto, mais do que nunca, nós nos sentimos todas unidas.

Irmã Maria Inés AREVALO ESTRADA
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de França-Norte

Amplia o espaço de tua tenda

“Amplia o espaço da tua tenda... desdobra as telas que te abrigam, alonga tuas cordas, consolida tuas estacas, pois deverás estender-te à direita e à esquerda; teus descendentes vão invadir as nações, povoar as cidades desertas” (Is 54, 2-3).

“Foi Deus quem quis esta Companhia de filhas de diferentes países e que formassem um só coração”. (São Vicente, 13 de fevereiro de 1646).

“Calçar as “sandálias evangélicas” para responder aos apelos do Senhor” (Mère Evelyne Franc).

“Motivar a aprendizagem destas três línguas: Francês, Espanhol e Inglês, para simplificar a comunicação oficial da Companhia e a organização dos encontros internacionais” (Linhas de Ação 2003-2009).

Queremos partilhar a experiência que nós duas vivemos nestes dois países diferentes: a Polônia e o Kosovo. Com efeito, depois do pedido de Nossa Superiora geral, tentamos dar as bases de francês às nossas Irmãs destes países.

Porém, nós não temos mais 20 anos nem uma nem outra; não falamos o polonês, nem albanês, então, vocês podem compreender que nós tínhamos uma certa apreensão. Impossível partir sem uma boa preparação! O objetivo era dar o “gosto” e o incentivo para aprender as bases do francês.

Claro que, uma conhecia o Kosovo por ter passado lá um mês com uma Associação humanitária, mas não o albanês; além disso, ela recebeu uma formação de enfermeira e não de professora. Dai a necessidade de fazer o esforço pessoal de uma preparação séria:

- Para um conhecimento geográfico, histórico, sócio cultural destas regiões e da Companhia nestes dois países, esforçando-nos para expulsar todas as ideias preconcebidas que poderíamos ter tido.

- para aprender alguns rudimentos da língua,

- dialogar com as famílias destes países que moram na França e que nós conhecemos,

- para nos documentar, escolher um método de francês para língua estrangeira e trabalhá-lo.

Falamos livremente da “inculturação”, chegava o momento de experimentá-la: sentir-se “estrangeira” pela língua, os usos e costumes, os hábitos alimentares... e para as Irmãs de lá: acolher uma Irmã vinda de Paris. O acolhimento caloroso e fraterno que nós recebemos facilitou esta inculturação. Depressa, começamos a trabalhar com diferentes grupos: aspirantes, postulantes, Irmãs do Seminário, do juniorato e as Irmãs que desejavam aprender o francês. Todas estavam bem motivadas para superar as complicações da língua francesa e a maioria delas chegaram a se expressar em francês e ficaram muito contentes de poder escrever partilhando sua missão e seus agradecimentos.

Pudemos partilhar nossas experiências e nossos serviços com as Irmãs que falavam o francês e podiam traduzi-lo para as outras. A missão das Filhas da Caridade na Polônia, Ucrânia e Kosovo, é realmente um serviço dos mais pobres: jovens, adultos deficientes, doentes hospitalizados em condições precárias e onerosas. A renúncia e a dedicação das Irmãs nos tocaram profundamente. Agradecemos a elas por nos terem permitido acompanhá-las nas diferentes Comunidades e serviços. Constatamos também o quanto era importante para elas investir tempo para elaborar “projetos” a fim de ter os meios para melhor servir os pobres.

Algumas semanas depois de nosso retorno, podemos dizer, de imediato, que estes dias alargaram nossos horizontes. Nós nos enriquecemos com outras culturas... o acolhimento e a simplicidade das pessoas e das Irmãs tocaram diretamente o nosso coração. Por outro lado, vimos a pobreza mais “rude” do que na França e os ínfimos meios para combatê-la. Nosso olhar mudou, agora, ele ultrapassa as fronteiras do hexágono.

Irmãs Marie-Renée COMBOURIEU e Marie-Renée LELIEVRE
Filhas da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Hungria

Uma Filha da Caridade, Irmã Romána
Defensora da educação musical

Conheci Irmã Romána em 1971, quando eu estava na Hungria para um ano de estudos. Irmã Romána morava num apartamento pequeno de Budapeste e parecia ter mais ou menos 80 anos. Ela era animada e enérgica quando conversava conosco. Ao final de nossa visita, ela nos apresentou duas pequenas fotografias dela em companhia de Kodály com sua esposa, Emma. Irmã Romána morreu em 1974 com 88 anos.

Zoltán Kodály teve um bom número de excelentes alunos. São acontecimentos que remontam aos anos 1920 e 1930 até os anos cinquenta, anos que Kodály ensinou na Academia de música de Liszt em Budapeste¹. Por causa de minha longa frequência na educação musical de Kodály, pouco a pouco tomei consciência da importância de uma mulher que bem cedo foi ligada à sua grande empresa. Tomei consciência que como membro da Companhia das Filhas da Caridade, Irmã Romána havia exercido um papel significativo na difusão da obra de Kodály na Hungria. Infelizmente, os anos passam e ela foi completamente esquecida.

Por ocasião de uma recente visita a Budapeste em março de 2006 para o 30º Aniversário de fundação da Sociedade Internacional Kodály, pude visitar a Casa Provincial das Filhas da Caridade e conversar com sua arquivista, Irmã Klára Visy. A mesma, tinha documentos de Irmã Romana bem como informações sobre o Instituto de Ranolder. Este artigo é baseado principalmente nestes documentos, assim como também sobre algumas fontes inéditas que eu recebi de Irmã Romána durante nosso primeiro e único encontro em 1971.

Fundado em 1883 e dirigido pelas Filhas da Caridade, o Instituto Ranolder era uma das Instituições educacionais mais importantes de Budapeste.

Em 1910, Irmã Romána começou ensinando matemática, física e geografia no Instituto Ranolder. Seu dom para a música levou-a a estudá-la seriamente, ela recebeu seu Diploma de Professora de música da Academia de Música Liszt. Musicista de talento e excelente organista, Irmã Romána muito cedo reconheceu a importância das composições de Kodály e de Bartók. Ela também foi uma das primeiras a usar o método da solmização nas classes musicais. Irmã Romána organizou a primeiro concurso de canto folclórico que aconteceu no dia 7 de junho de 1939 no Instituto Ranolder. Em 1940, Irmã Romána tornar-se-á a Diretora do Instituto Ranolder. Kodály visitava frequentemente o Instituto e conversava com Irmã Romána. Em 1974, por ocasião de uma conversa, Irmã Romána conta: “*Kodály vinha frequentemente aos nossos ensaios do coral. Nós o acolhíamos cordialmente e quando ele entrava na sala, o coral cantava uma melodia em cinco vozes sobre o texto “Em nome do Senhor” seguido por “Laudate Jesum Christum”*”. Por causa da qualidade artística do coral de Irmã Romána, Kodály descobriu que algumas crianças podiam interpretar composições corais difíceis.

Em 1943, o Instituto Ranolder celebrou o seu 50º aniversário. Esta oportunidade foi comemorada com a publicação de um livro apresentando a história da escola e a descrição de todos os programas e atividades musicais. Irmã Romána foi mencionada como Diretora da escola (função que ela ocupou até a escola ser fechada pelo governo, oito anos mais tarde². O Instituto Ranolder foi confiscado e as Filhas da Caridade na

Hungria foram dispersadas). Algum tempo depois destas celebrações, Irmã Romána começou a preparar a escola para a celebração do Festival Internacional da canção que devia realizar-se em Berna, na Suíça, de 23 a 27 de abril de 1948. O programa dado por Irmã Romána é um documento muito atraente de 13 páginas que apresentam a história do Coral Ranolder dando as seguintes informações: “*Durante estes cinquenta anos de existência do Instituto Ranolder, foram criadas numerosas escolas: uma escola primária, uma escola média, uma escola profissional, uma escola secundária para as meninas e também um Instituto de formação para mestres. O total de efetivos destas escolas aumentou para 1.600 alunos e estudantes. Havia três corais diferentes. Estes três corais trabalhavam juntos em harmonia, depois de anos. Os corais combinados, de um efetivo total de 300 membros, obtiveram muitos sucessos sob o nome de Grande Coral de Ranolder*”.

O magnífico programa, preparado por Irmã Romána, apresentou ao Mundo Internacional da Música a excelência do programa de formação musical na Hungria. Infelizmente, a estreiteza do regime comunista, ofuscou a possibilidade de ter uma repercussão internacional. Pouco tempo antes do Festival de Berna, o governo recusou ao Coral Ranolder a autorização de participar do mesmo.

Poderíamos escrever ainda muito mais coisas sobre esta mulher notável, Irmã Romána Csorda. Seu trabalho com Kodály para difundir a educação musical na Hungria merece ser reconhecido e publicado.

Irmã Mary Alice Hein
Professora emérita da Universidade do Santo Nome

¹ Hein, Ir. Mary Alice, “O testamento de Zoltán Kodály», Sociedade Int. Kodály, 1993, p. 26-27

² Ranolder Jubileumi Emlékkönyv. Budapest, 1943.

NO TEMPO DE SÃO VICENTE... E HOJE

O Pobre segundo São Vicente

Podemos encontrar em São Vicente três maneiras de ver o pobre que com freqüência, são confundidas ou mais exatamente, unificadas:

- 1- uma visão que é mais de ordem social
- 2- uma visão que é mais de ordem pastoral
- 3- uma visão que é mais de ordem mística.

1- Em primeiro lugar, uma relação de **ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL**

São Vicente conheceu primeiro a situação do pobre durante a sua infância, na sua família e no seu meio social. Nesta etapa determinante, os pobres eram os seus parentes, vizinhos, viticultores e lavradores dos quais ele descreveu de maneira realista a vida e os penosos trabalhos. Eram também as boas aldeãs, evocadas tantas vezes nas Conferências às Filhas da Caridade.

Analisar os ecos desta primeira experiência, podemos perceber que o jovem Vicente, em principio, percebeu a pobreza como um mal, e viu os pobres como vítimas. Mais tarde, quando fala às suas Comunidades da pobreza evangélica, não deixará de evocar a pobreza e a injustiça social, como para tornar mais real a primeira.

Antes de ser realidade pastoral ou mística, a relação de São Vicente com os Pobres situou-se primeiro ao nível da solidariedade, a um nível humano de ordem econômica e social. A pobreza, à qual ele procurou escapar em 1595 com a ajuda e o cálculo dos seus parentes. Em 1617, vai encontrá-la com outro olhar e outro projeto, ele vai reconhecê-la.

Para São Vicente, o pobre é um homem que sofre; é um homem, uma mulher ou uma criança que se encontra em situações econômicas e sociais inhumanas e injustas. Esta concepção do pobre enraíza-se na experiência de São Vicente, na sua primeiríssima experiência, quando então não considerava ainda o pobre, como um privilegiado do reino de Deus (segundo Lucas 4,18), ou como uma presença misteriosa de Jesus Cristo (segundo Mat 25, 31ss).

Evidentemente, não encontramos em S. Vicente, a análise rigorosa e as expressões de lutas sociais contemporâneas. Mas no início e na base de todas as intervenções de São Vicente em favor dos pobres, encontra-se sempre este tempo muito longo, de atenção sociológica, de uma pesquisa sobre uma situação concreta dos pobres que encontra. Poderíamos multiplicar as citações e referências, seja para as Confrarias, seja para a Missão, ou para os socorros distribuídos na Lorraine, Champagne e em Picardia, seja para as Filhas da Caridade, com esta insistência muito apoiada sobre o “corporalmente”.

O regulamento da primeira contraria da Caridade de Chatillon (Coste XIII, 423-435) é revelador; A introdução, muito rica, evoca as razões evangélicas e o valor espiritual do serviço dos doentes. As páginas que seguem, mostram da sua parte, a minúcia e o realismo com os quais São Vicente estudou a condição e a situação destas pobres gentes, entrando inclusive a entrar em detalhes de dietética e nos gestos precisos da enfermeira (Coste XIII, 426-429). São Vicente nunca se afastará deste realismo que será uma marca característica de sua relação com o pobre e de toda a sua ação.

Aliás, é sintomático, que São Vicente tenha tantas vezes lembrado a sua pertença social ao mundo dos pobres e que se tenha preocupado tanto em manter os padres da Missão e as Filhas da Caridade no nível da vida dos pobres.

Conhece-se, por exemplo, as longas hesitações pelas quais passou São Vicente antes de aceitar o priorado de São Lázaro; indiscutivelmente, esta aceitação parece ter acelerado e acentuado o que poderíamos chamar nossa... “religiosidade” da qual sabemos bem que São Vicente não queria ouvir falar. Há certamente um pouco de nostalgia na evocação dos primeiros tempos da Missão, no Colégio dos “Bons enfants”: “... continuou-se o mesmo exercício nas outras paróquias nas terras da dita Senhora durante vários anos, que quis manter os padres para continuar as missões e com efeito fez-nos possuir o colégio dos “Bons enfants” para onde nos retiramos, o Pe Portail e eu próprio, e tomamos conosco um bom padre a quem dávamos cinqüenta escudos por ano. Assim, íamos os três pregar a missão de aldeia em aldeia. Ao partir dávamos a chave a algum dos vizinhos, ou nós mesmos lhe pedíamos para irem dormir em casa. No entanto, em toda a parte só tinha um sermão que eu apresentava de mil maneiras: era sobre o temor de Deus” (Coste XII, 8).

A Missão estava então bem inserida no seu meio social, simples e pobre. Para as Filhas da Caridade, São Vicente igualmente está sempre preocupado em mantê-las no nível social das servas da época. Os tomos IX e X de Coste e, sobretudo, a correspondência, permitem dar-nos conta que por elas e até à morte, ele conseguiu muito bem. Exceto “a casa” (como dizia São Vicente para designar a Casa Mãe) que tinha um caráter religioso bastante notável, um pouco por toda a parte, as condições de vida pareciam bem ser aquelas das servas desse tempo. Seria interessante ler, por exemplo, a conferência de 28 de novembro de 1649 sobre o trabalho (Coste IX, 483-498). É durante esta conferência que São Vicente faz esta observação: “Vós podeis ganhar suficientemente a vossa vida servindo o próximo; não sois carga para ninguém; mas vós mesmas proveis vossas necessidades. Queira Deus que eu também o pudesse fazer assim comigo mesmo, indigno do pão que como, e que ganhando licitamente a vida, pudesse servir meu próximo sem nada possuir e sem sobrecarregar ninguém! Oxalá que nossos padres fizessem o mesmo e que fossemos obrigados a deixar o que temos! Deus sabe com quanto gosto o faria. Mas não o podemos e temos que humilhar-nos” (Coste IX, 494). E continua as suas reflexões sobre a situação econômica e social das Filhas da Caridade: “Se agrada a Deus, minhas queridas Irmãs, conceder-vos a graça, de poderdes um dia ganhar a vida e conseguir servir nas aldeias que não tem possibilidade de vos ter, não vejo nada de tão belo. O que! Minhas filhas, trabalhando para outros, estarão num lugar onde servirão os pobres e instruirão as meninas, sem que ninguém para isso contribua, e isso, graças ao trabalho das Irmãs que estão em outros lugares; graças também ao trabalho que fizeram elas próprias nos momentos de lazer... Se as abelhas o fazem, colhendo o mel das flores e levando-o à colméia para alimento de outras, por que não vós que deveis ser como abelhas celestiais? Ó minhas Irmãs, permita Deus de conceder esta graça à Companhia, que por vosso

intermédio os pobres sejam servidos, a juventude instruída, esta casa em estado de subsistir... não será isso uma grande felicidade para vós?” (Coste IX 494- 495).

Este texto abre horizontes pouco conhecidos sobre a situação social das primeiras Filhas da Caridade, tal como foi vivida em parte. São Vicente desejava que fosse assim para “os Missionários”!

Concluamos: este primeiro tipo de relação de São Vicente com o pobre foi uma relação profundamente humana e particularmente atenta à realidade econômica e social vivida pelos pobres. Parece bem claro que São Vicente desejou intensamente que suas principais fundações partilhassem, de algum modo, a sorte dos pobres e dos trabalhadores, para assegurar a sua relação, a densidade humana de uma profunda solidariedade.

2 – O segundo tipo de visão de São Vicente com o pobre foi uma relação de **ORDEM antes PASTORAL**.

Antes de Gannes-Folleville, pondo a parte o parêntese de Clichy, Vicente de Paulo viveu longe dos pobres, dezessete anos de sacerdócio. Em Folleville, é este padre que se sente interpelado, contestado e provocado. É este padre que seis meses mais tarde, decidirá consagrar a sua vida a uma paróquia, isto é, a uma ação e a uma responsabilidade pastoral.

São Vicente viu-se então interpelado, pela ignorância religiosa e o abandono da parte da Igreja, da pobre gente do campo. Foi esta situação que ele quis remediar. Decisão heróica, já que São Vicente abandonou corajosamente o projeto de boa aposentadoria, e a situação inviável que ocupava nos Gondi. Mas também, decisão ainda limitada, pois não projetava para o momento, mas que a vida e a atividade dum bom padre da aldeia, num quadro e uma pastoral de aparências bastante clássicas.

Para ele, o pobre era um homem a evangelizar e a salvar. Quando São Vicente chegou a interpretar o acontecimento de Gannes-Folleville à luz do Evangelho (Luc 4, 18), o pobre tornar-se-á o interlocutor privilegiado do Evangelho, o primeiro convidado do Reino, como dirá Bossuet: “É o primogênito, o verdadeiro filho da Igreja que é a cidade dos pobres, aquele que, ao contrario dos ricos, não precisa de naturalização”.

Neste tipo de relação com o pobre, há dois aspectos a sublinhar. Por um lado, o aspecto positivo: a promoção do pobre quanto ao plano de salvação e a prioridade que lhe advém no projeto pastoral. Um aspecto negativo: o pobre é ainda aquele a quem se anuncia, a quem se ensina, a quem se administra os Sacramentos, a quem se assiste e a quem se leva a salvação.

Há então um incontestável progresso na evolução, tanto espiritual como pastoral de São Vicente. Com efeito, até então, o seu ministério era em grande parte mobilizado por uma família nobre, e os pobres não beneficiavam disso senão por ocasião das saídas ocasionais da família às suas terras. No entanto, na base da decisão da partida para Chatillon, há uma mudança total de valores e do projeto. Desde agora a prioridade será concedida aos pobres, e também, grande parte do tempo.

E o que prova a atitude de São Vicente quando volta aos Gondi após Châtillon: a maior parte do seu projeto e do seu tempo será reservado à evangelização dos pobres do campo e às missões, (como previa o contrato de fundação) para “se aplicar inteiramente à salvação do pobre povo, indo de aldeia em aldeia... pregar, instruir, exortar e catequizar este pobre povo” (Coste XIII,198).

Portanto, os pobres desde agora, terão clara prioridade e São Vicente não voltará mais a este assunto. Será a mesma coisa quanto a todas as outras instituições que reservarão ao pobre uma prioridade, que acabará praticamente numa espécie de exclusividade; já vos falei disso, quando refletimos sobre a expressão: os “verdadeiramente pobres” e sobre a finalidade da nossa Congregação.

Esta prioridade em consonância com o Evangelho (Lc 4, 18) facilita um progresso decisivo na história de relação de São Vicente com o pobre. Mas o pobre, como já disse, era ainda aquele a quem se leva e se dá, aquele a quem se prega, instrui, exorta e catequiza. A relação era ainda em sentido único e São Vicente não tinha ido ainda até ao fim da sua investigação e do seu encontro. Parece que foi bem a

experiência de Châtillon, sobretudo a de 20 de agosto de 1617, que o conduziu a dar o primeiro passo e a cumprir um novo progresso, desta vez decisivo.

3- A terceira etapa ou terceiro nível na relação de São Vicente com o pobre foi do **TIPO MISTICO**, no verdadeiro sentido da palavra.

Pode ver-se este progresso em relação ao acontecimento de Châtillon porque este novo passo foi dado à luz do Evangelho de Mateus (25, 31), texto que se encontra citado pela primeira vez no documento da Confraria de Châtillon (23 de agosto de 1617).

Sem querer planificar o esforço interior de São Vicente pode dizer-se que se a passagem de Lucas iluminou e esclareceu toda a riqueza de Gannes-Folleville, e como conseqüência, a fundação da Missão, é o texto de Mateus (25, 31) que iluminou e revelou a riqueza de Châtillon e fundado evangelicamente as Confrarias da Caridade e a Companhia das Filhas da Caridade. Mateus 25, 31: é o texto em que Jesus evoca o juízo final. “Tive fome e deste-me de comer; estive doente e visitaste-me... cada vez que fizeste isto a um pequenino, a um pobre, foi a mim que o fizeste”. “Estava doente e visitaste-me”: é muito compreensível que esta frase tenha inquietado o pensamento e a oração de São Vicente durante todo este dia de 20 de agosto de 1617 e nos dias seguintes; não é de admirar que a encontramos efetivamente, tanto no documento de 23 de agosto como no primeiro regulamento da Confraria da Caridade de Châtillon, em novembro de 1617 (Coste XIII, 424).

O que há aqui de mais notável, é o caminho que pode percorrer o “Evangelho na alma e na fé do santo. É claro que, progressivamente, São Vicente tomou consciência, cada vez mais clara, do fato de que pelo pobre de Gannes e através da família pobre de Châtillon, Jesus Cristo enviado de Deus, interveio diretamente na sua vida, a tal ponto que por um lado, ele decidiu mudar radicalmente a orientação, e por outro, a paz e o equilíbrio voltaram. Os pobres de Gannes e de Châtillon foram para ele sinais de Deus, sinais da vontade de Deus na sua vida e na das suas fundações: nem o Senhor Portail nem eu tínhamos pensado nisso!”

Nesta fase, a relação “Vicente/Pobre” não estava mais em sentido único. Com efeito, realizava cada vez melhor, aquilo que lhe tinham proporcionado os encontros de Folleville e de Châtillon. Com efeito, São Vicente dará uma grande atenção a este gênero de acontecimentos que dizem respeito aos pobres: ele fará disso verdadeiras etapas da sua audácia e de seus empreendimentos.

Tanto é que, pouco a pouco se aprofundará nele a afirmação do evangelho de Mateus: “Tive fome... estava doente... estava na prisão... foi a mim que o fizeste”. Esta afirmação de Cristo será como a chave de todo encontro de São Vicente com o pobre, a chave da relação vicentina com o pobre.

“Assim, pois, dirá às Filhas da Caridade, isto vos obriga a servi-los com respeito, como vossos senhores e com devoção por que eles representam a pessoa de Jesus Cristo que disse: “O que fizeste ao mais pequenino dos meus, foi a mim que o fizeste!” Por isso, minhas Irmãs, Nosso Senhor, com efeito, está junto com este doente, que recebe o serviço que lhe prestais” (Coste X, 332).

“É preciso, pois, tratar os pobres com mansidão e respeito, pensando que é a Nosso Senhor a quem prestais serviço”, pois ele o considera como feito a si próprio... se está doente, eu também; se está na prisão, eu também; se está acorrentado, com ele eu também” Coste X, 680).

Este texto bem conhecido, dirigido aos missionários: “Não devo considerar um pobre camponês ou uma pobre mulher segundo o seu aspecto exterior, nem segundo a impressão do seu espírito; com freqüência, visto que quase não aparentam o aspecto nem o espírito de pessoas normais, tanto eles são grosseiros e vulgares. Mas virai a medalha e vereis pela luz da fé que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por estes pobres; quase não aparentava aspecto de humano na sua paixão e que passava por louco entre os gentios e pedra de escândalo para os judeus. Por isso, é qualificado: o evangelizador dos pobres. Ó meu Deus, como é bom ver os pobres, se os considerarmos em Deus e com a mesma estima que Jesus Cristo tinha por eles!” (Coste XI, 32).

O texto que pareceu ser o eco mais perfeito da experiência espiritual de São Vicente na sua relação com o pobre, encontra-se em (Coste IX, 252): "...servindo os pobres serve-se Jesus Cristo; Ó minhas filhas como isto é verdade"; Servis Jesus Cristo na pessoa dos pobres e isso é tão verdade como estarmos aqui. Uma Irmã irá dez vezes ao dia servir os doentes e dez vezes ao dia encontrará Deus. Como diz Santo Agostinho, o que vemos não é tão seguro, porque os nossos sentidos podem enganar-nos; mas a verdade de Deus nunca engana. Ide visitar os pobres forçados, aí encontrareis Deus; servi estas criancinhas e aí, encontrareis Deus. Ó minhas Filhas como isto é obrigatório! Ides às pobres casas e aí encontrareis Deus. Uma vez mais, ó minhas filhas como isto se torna uma exigência! Deus acolhe com agrado o serviço que prestais a estes doentes e o considera como feito a Ele mesmo..."

A partir de agora, a relação de São Vicente com os Pobres não será mais recíproca, será claramente invertida; São Vicente será mais sensível àquilo que os pobres lhe dão do que àquilo que ele mesmo pode dar-lhes. Daí, um novo comportamento pastoral e social. O pobre tornou-se para ele Jesus Cristo; o pobre torna-se então o Mestre e Senhor: também os Missionários, as Filhas da Caridade ou as grandes senhoras da caridade, não poderão encontrar-se em face do pobre senão numa atitude, uma mentalidade e espiritualidade de serviço. Este termo "serviço" tornou-se equivoco com a evolução social. Agora está profissionalmente desvalorizado e isso ressent-se até no vocabulário da espiritualidade. No século XVII, não era assim: a profissão de servo ou de serva era reconhecida sem complexo e tinha suas leis e deveres. Assim, quando São Vicente fala do serviço, do servo ou da serva, é preciso não se apressar em pôr seus termos e atitudes, em relação com o servo de Yahvé ou a descrição da Anunciação, muitas vezes, o contexto mostra com evidência que São Vicente, concreto por natureza deu a estas palavras o sentido e a força profissionais. E quando descreve, por exemplo, o comportamento que deve ter uma senhora da Confraria ou uma Filha da Caridade para servir a refeição a um doente, é fácil reconhecer todos os gestos, que um senhor ou uma senhora da época exigia de sua criada.

Que isto sirva para exorcizar a ideia que fazemos, por vezes, da relação de São Vicente com o pobre, carregado de paternalismo. É lamentável que a palavra servo, tenha perdido a força do século 17 e que se tenha tornado equivoco, insignificante e um tanto tendenciosa. A relação "servo/senhor", era certamente uma das menos ameaçadas por sentimentos paternalistas... e com razão! Ora, é em principio a este nível profissional que convém situar daqui por diante a relação de São Vicente com os pobres, a relação "senhor/servo se impõe", e deveria mudar completamente as mentalidades e os comportamentos. Igualmente, uma das atitudes sobre as quais S. Vicente mais insistiu, foi o respeito... o respeito que não era considerado na época como uma coisa natural, em relação aos pobres, os mendigos ou os prisioneiros!

Algum espírito mesquinho poderia ofender-se pela implicação tão absoluta da fé na relação com o pobre, e a identificação de Jesus Cristo com o pobre poderia ser sentida como uma espécie de frustração na relação. E dir-se-á, o homem que se deve encontrar, é ao homem que se deve dar uma total atenção e compromisso; não se pode ao mesmo tempo, preocupar-se com outros, mesmo que seja Jesus Cristo. Deste modo, a busca de Jesus Cristo no pobre, seria para alguns, uma ocupação doentia!

Graças a Deus, São Vicente não se analisou até esse ponto; isso não lhe teria deixado tempo para agir! Mas, se se tivesse apresentado a alguém essa objeção, São Vicente teria respondido sem dúvida o que tinha por costume responder àqueles que nunca se comprometiam no agir. Em todo o caso, a fé de São Vicente, esta fé que leva à certeza vivida da presença de Jesus Cristo no pobre, nunca o levou a dissimular, por pouco que fosse, a pessoa do pobre ou o peso da sua condição social.

Falta-nos, na lógica e no prolongamento daquilo que chamamos nível místico da relação "Vicente/Pobre", evocar rapidamente a extraordinária unidade que esta convicção realizou na sua vida e na sua espiritualidade.

São Vicente foi um homem da experiência, para quem a vivência foi espontaneamente refletida, meditada, integrada. Ele teve um processo de uma lógica e uma constância impressionante. Foi assim que o acontecimento de Châtillon, à luz do Evangelho de Mateus (25, 31) fez o seu caminho e tomou o seu lugar pouco a pouco, com a chave da abobada do edifício e do equilíbrio. Tudo se organizou mais ou menos conscientemente, à volta desta afirmação – evidência: "Jesus Cristo está no pobre, isto é tão verdadeiro como estarmos aqui". Assim por exemplo, aquilo que foi vivido em tensão e conflito, tornou-se para ele de uma simplicidade extrema. Desde então Jesus Cristo estava no pobre, Fé e Missão, Fé e Serviço, Fé e Vida

estavam numa perfeita continuidade. Quer se tratasse da oração e do serviço, a concorrência não era problema: “Minhas filhas, o serviço dos pobres deve ser sempre preferido a todas as coisas”. Com um princípio, emitido de uma forma categórica, não há exceções possíveis, por mais nobres que sejam. São Vicente precisa: “Podeis mesmo deixar de ouvir a missa”, para concretizar acrescenta: “...num dia de festa, em caso de necessidade”. É, aliás, a reflexão sobre a qual se apóia o princípio tão interessante escutar: “Deste modo, estais certas de serdes fiéis às vossas Regras e mais ainda, pois que a obediência a Deus é reconhecida por Deus como um sacrifício. É Deus, minhas filhas, que quereis servir. Pensais que Deus seja menos razoável que os senhores deste mundo? Se o senhor diz ao seu criado: Fazei isto e que, antes que a sua ordem seja executada, pede outra coisa, não encontra nada mal que o criado deixe aquilo que foi mandado em primeiro lugar; ao contrário, fica muito contente. Assim acontece com o nosso Deus. Ele chamou-vos a uma Companhia...deu-vos umas regras; vós as praticais, ele vos pede mais; ide pois, minhas Irmãs, sem duvidar que é a vontade de Deus” (Coste IX, 216). O que há de notável e significativo neste texto, para nós que queremos abordar a espiritualidade de São Vicente e sua experiência espiritual, é a facilidade e a espontaneidade com as quais São Vicente confunde e identifica num só ser o Deus que fala pela regra, o Deus da oração, o Deus da missa e o Deus presente no pobre. Para ele, é simplesmente o mesmo Senhor que em princípio pediu uma coisa e em seguida, pede outra. Trata-se de “deixar Deus por Deus”. Vendo Jesus Cristo no pobre, Vicente constata que tudo parece unificar-se numa continuidade entre sua fé e sua vida: a oração, a Eucaristia, a Missão, o serviço. Para chegar a uma tal unidade de fé e de vida, lhe basta encontrar verdadeiramente Jesus Cristo num pobre.

Graças a Deus, estamos todos atentos aos valores evangélicos que vivem os pobres. Hoje São Vicente convida-nos a ir mais longe e mais em profundidade, mais longe do que estes valores em si mesmos, até ao encontro da pessoa viva de Jesus Cristo, mesmo se isto se tornou uma evidência mística para Vicente de Paulo arrisca-se a não ser senão um interminável esforço de fé, para muitos de nós.

Para terminar esta reflexão, perguntemo-nos pessoalmente e em verdade sobre a qualidade da nossa relação com o pobre no plano social, pastoral e místico. Como São Vicente, devemos manter estas três dimensões, mesmo se a terceira deve alimentar e animar as outras duas. Que São Vicente nos ajude a progredir na meditação, a descoberta e a aplicação de Lucas 4, 18 e de Mateus 25, 31, estes textos que constituem as verdadeiras luzes e os grandes ângulos da reflexão e da experiência espiritual de São Vicente.

Padre Jean Morin, cm

PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO

Santa Luísa de Marillac
1591 - 1660

I – TESTEMUNHAS FALAM E AGEM

INTRODUÇÃO

“...todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade”, segundo a palavra do Apóstolo São Paulo “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” (1Tm 4, 3). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis... esta santidade que eles receberam, é então necessário que com a ajuda de Deus, eles a guardam em sua vida e a levam até o fim. “O Apóstolo admoesta-os a que vivam como convém a santos” (Ef. 5, 3). Cada um, segundo os próprios dons e funções, deve progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e que atua pela caridade...

A Igreja recorda-se também da recomendação com que o Apóstolo, incitando os fiéis à caridade, os exorta a ter sentimentos semelhantes aos de Jesus Cristo, o qual “Se despojou a Si próprio, tomando a condição de escravo...”.

Estas linhas extraídas da Constituição Lumen Gentium, capítulo cinco sobre a **vocação à santidade**, permitem lançar um olhar em conformidade com os princípios estabelecidos pelo Concílio, referente a vida e a ação daquela que nós chamamos hoje Santa Luísa de Marillac, símbolo e estímulo da caridade.

Nesta primeira parte, alguns testemunhos nos desvelarão seus segredos:

- São Vicente,
- Mathurine Guérin e as primeiras Irmãs,
- Historiadores da época: Gobillon e Abelly que escrevem com o estilo de sua época. Eles não viveram com Luísa de Marillac, mas perguntaram aos próximos, consultaram os documentos, seus escritos bem como as secretárias.
- Irmã Maria de Geoffre de Chabrignac: esta última sequência revelará o trabalho dos primeiros anos para chegar à beatificação de Luísa de Marillac. Irmã Maria de Geoffre de Chabrignac, enfraquecida pela doença, não vendo o resultado do trabalho preparatório, não reivindicava nada porque: *“não sou, dizia ela, mais que um pequeno mal obreiro que reuniu os materiais e estragou a argamassa. Mas confio que no tempo oportuno, a Providência fará surgir um obreiro capaz de fazer de tudo isto um memorial, que será belíssimo, se estiver de acordo com o plano divino”*.

SÃO VICENTE DE PAULO

No dia 9 de outubro de 1952, o Padre William Slattery, Superior geral da Companhia das Filhas da Caridade, escreveu o prefácio do livro reproduzindo as conferências de São Vicente às Filhas da Caridade nestes termos: *“... Quando ouvirem as explicações dos Santos Votos e das Santas Regras, verão como tudo se tornará simples, claro e compreensível! A linguagem, o estilo, as comparações e os exemplos que ele dá, têm sempre a nitidez do cristal. Podemos comparar estas Conferências a um lago, cujas águas permitem ver as profundidades, pela sua pureza, ou a um jardim onde o olhar pode perceber em cada uma das suas lindas flores, porque os raios de um sol brilhante as destacam com claridade...”*.

O senhor Vicente, enfermo no momento do falecimento de Santa Luísa, reuniu as Irmãs no dia 24 de julho de 1660 para falar da falecida Senhora Le Gras: *“vossa querida Mãe, como a vistes e tivestes entre vós”*. Ele interrogou as Irmãs sobre três pontos:

- Os motivos que temos para falar sobre as virtudes das nossas Irmãs falecidas e particularmente da Senhora Le Gras, vossa querida Mãe. Este ponto não foi tratado, seria muito longo, diz Padre Vicente.
- O segundo ponto sobre as virtudes que notastes nela;
- E o terceiro ponto sobre as virtudes que mais particularmente vos propondes imitar.

As Irmãs se expressam numa linguagem simples, afetuosa e humilde, pedindo perdão pela negligência da virtude proposta.

Padre Vicente conclui, bendizendo pelos perdões pedidos e prossegue: *“Minhas Irmãs, que belo quadro pôs Deus diante de nossos olhos e que vós mesmas o pintais! Sim, é este quadro que nós temos e deveis olhar para fazer o mesmo para adquirirmos esta humildade, caridade, suporte mutuo e firmeza em todas as coisas, e como ela, procurava conformar todas as suas ações àquelas de Nosso Senhor. Fazia o que disse São Paulo: “Não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim”. **Vejais que belo quadro! Belo quadro, ó meu Deus!**”* Padre Vicente retoma a humildade, a fé, a prudência, o bom critério e desejo de conformar as suas ações com as de Nosso Senhor! Para este efeito, ele pára particularmente na modéstia com um longo desenvolvimento e conselhos para tornar-se virtuosa. *“Não faleis mal umas das outras. Se cairdes nesta falta em casa da Senhora Le Gras, dizei imediatamente: “Onde estou eu, para poder falar assim?”... a exemplo de vossa boa Mãe, tomai a resolução de trabalhades na perfeição e de desprender-vos de tudo o que desagrada a Deus”*.

*Minhas filhas, que dor tereis de ver as filhas que levam o nome de Filhas da Caridade e não é. Mas há outras que nem sempre são edificantes. Despedaçam a Companhia como quem despedaça uma galinha aos pedaços. **Filhas que despedaçam a mãe?***

*Ora, minhas Irmãs, vamos concluir. Custe o que custar temos que adquirir a virtude. Dizei em vosso interior “não quero viver em mim, mas quero em tudo o que farei, **procurar a Deus**, e ir diretamente para Ele... A Senhora Le Gras e as suas Filhas que estão já no céu, vêem a verdade das minhas palavras...*

Fazei que estas Irmãs comecem a amar-Vos perfeitamente, a fazerem tudo por Vós, e a sua única preocupação seja de Vos agradar em tudo. Ah! Minhas Irmãs, como é belo ver uma filha assim”!

O que assimilar deste “**belo quadro**” apresentado por Padre Vicente em honra de Luísa de Marillac? Tudo o que Luísa recebeu, numa luminosidade de virtudes, de orações e de amor, ela o expressa com a riqueza que a união a Deus é capaz de produzir. Numa infinidade de modos, reencontramos seus ensinamentos, as aplicações, as resoluções iluminando os princípios e as orientações espirituais, fazendas, certas da atenção maravilhosa de Padre Vicente. Ele assiste, aprova, anima, julga com serenidade e pacificamente “depois de ter pensado nisso diante de Deus”. Sem interesses humanos, Luísa se ofereceu à graça luminosa do Espírito Santo e Deus sempre interveio, para pôr o sêlo sobre o que ela ensinava e praticava.

“É este o quadro, minhas Irmãs, que deveis considerar: quadro de humildade, de caridade, de doçura, de paciência nas doenças. Que belo quadro!” (Conferência de 24 de julho de 1660).

MATHURINE GUÉRIN¹

O livro de ouro das Filhas da Caridade do ano de 1633 a 1670 apresenta entre as Irmãs alguns aspectos da vida de Irmã Mathurine Guérin.

“É a primeira nota que deveríamos ler depois da vida de São Vicente e de Santa Luísa de Marillac, pois é minha Irmã Mathurine que deu o lustre e a perfeição a nossa Companhia realizando todos os desígnios de nossos Santos Fundadores”.

Mathurine Guérin foi com os Fundadores, São Vicente e Santa Luísa, “pedra de fundação da Companhia”. Ela recebeu grandes favores de Deus tanto na ordem da natureza quanto na ordem da graça. As provações não lhe faltaram, mas “tomei a resolução em meu retiro de me abandonar inteiramente a Deus”.

São Vicente chamou-a para ser secretária da Senhora Le Gras. Graças ao seu fervor e sua fidelidade às santas práticas, sempre humilde, exemplar em toda sua conduta, ela foi uma secretária eficaz para Santa Luísa. Dos pequenos cadernos escritos pelas primeiras Irmãs, 16 são de Mathurine Guérin. Ela recolhia as conferências de São Vicente, pedia para copiá-las e distribuí-las. Devemos a ela 4 grandes volumes de Conferências do Padre Vicente que a Senhora Le Gras tinha recolhido sem ter tido tempo de redigi-las. Além destas, ela redigiu ainda, aquelas nas quais tratou-se das virtudes das Irmãs falecidas. As atas dos Conselhos foram redigidas por Irmã Mathurine. O Padre Vicente e a Senhora Le Gras a consideravam como uma pessoa bem completa e apropriada para ser colocada nas obras. Foi enviada à La Fère como Irmã Servente e à Belle Isle em Mer. Depois desta destinação, foi eleita Assistente e, pouco tempo depois, um generalato que durará durante 21 anos. Tinha 37 anos. Dali em diante sentia uma angústia extrema todas as vezes que era nomeada para este ofício. Somente a submissão a Deus era capaz de lhe fazer “abaixar o colarinho” sob um fardo tão pesado. Padre Chevremont dizia na conferência sobre suas virtudes, “que ela se consumiu como a tocha, isto é, iluminando o próximo”.

Foi neste longo período do generalato que Irmã Mathurine deixou para as Irmãs o buquê espiritual, sempre atual:

- *“A língua é a intérprete do coração...”*
- *“É necessário deixar-se governar para ser humilde.*
- *Agi sempre com caridade.*
- *“É necessário estar muito atenta à voz de Deus que nos fala ao coração.*
- *Ah, meu Deus, como se pode viver em paz seguindo suas próprias luzes! Felizes aquelas que se deixam conduzir.*
- *As Constituições, dizia ela, foram feitas para serem mais do que observadas e não omitir nenhuma; e quando se menospreza as pequenas coisas, negligencia-se o conteúdo das grandes”.*

Após a morte de Santa Luísa.

Irmã Mathurine é Irmã Servente em Belle Isle. Irmã Margarida Chétif sucede Santa Luísa por nomeação do Padre Vicente em 14 de setembro de 1660. Em sua aflição, ela escreve a Mathurine Guérin, pedindo sua ajuda: “*Suplico-vos, com toda humildade, minha querida Irmã, que me façais o obséquio de*

enviar-me, por escrito, uma exposição sobre as principais virtudes que observastes na falecida Mademoiselle, nossa querida e honoratíssima Mãe, especialmente no que se refere à nossa direção. Ajudada com isso, e com a graça de Deus, procurarei imitá-la no que puder. Vede a necessidade que tenho de tal coisa e como Deus vos concedeu a graça de permanecer muito tempo junto dela, espero aprender convosco o que me será mais necessário. Suplico-vos, minha cara Irmã, não me recuseis essa caridade da qual tanto preciso” (Cf. Documento nº 821).

Irmã Mathurine demora para responder este pedido tão humilde e afetuoso ao mesmo tempo. Alguns meses depois, ela pega a pena: *“Já vos declarei recear que, apresentando-vos anotações sobre o que pude observar na falecida Mademoiselle, nossa queridíssima Superiora, cause maior dano que proveito...esta consideração levar-me-ia a guardar silêncio”*. E Irmã Mathurine lança-se num escrito de dez páginas impressas começando por uma pequena observação consoladora: *“Percebi nesta boa alma tantas virtudes que não sei por qual começar: sua fé na vida quotidiana, sua esperança com a graça de Deus e a direção do senhor Padre Vicente na fundação da Comunidade a serviço dos pobres...”* E Irmã Mathurine acrescenta que além de lhe ser necessária uma esperança muito forte para empreendê-la, não menor caridade foi indispensável para dar-lhe prosseguimento. *“Paciência, suporte, vigilância, prudência, humildade, grande zelo pela perfeição de seus assuntos são seu pão quotidiano”*. Os dias e os anos difíceis não faltam, mas Luísa *“voltava, sempre à conduta da Providência e à paciência do senhor Padre Vicente e dizia que Deus purificava a sua Companhia do que poderia prejudicá-la”*. Um longo desenvolvimento sobre a pedagogia na formação das Irmãs em momentos difíceis revelava sua caridade que se conhecerá pelas cartas escritas por ela mesma a cada Irmã em particular”.

Irmã Mathurine completa por uma confidência pessoal: *“Quando tinha a felicidade de escrever suas cartas, não considerava então as suas belas lições; mas, agora, admiro a diversidade com que as fazia. A umas inculcava a observância das regras, a outras, o temor; àquela, o puro amor de Deus, assim por diante. Ela não se cansava de escrever e levava nossas Irmãs a fazerem o mesmo, dizendo que este meio e os pequenos presentes mantinham a amizade... ela guardava o que sabia sobre as faltas das Irmãs... o cuidado que tinha pelo bem geral, tanto espiritual quanto temporal era admirável...”*.

Quanto ao geral, o que a vi tentando inculcar ao máximo, foi o espírito de pobreza, de obediência e humildade... Quando via que todas estavam juntas, alegrava-se muito, pois Nosso Senhor, dizia ela, estava naquele meio.

Uma última observação para a orientação das Irmãs: ela dizia que não deviam desprezar as graças naturais que reconheciam nas pessoas, porque era um grande meio que tinham para fazer o bem, porque, dizia ela, se fosse preciso reprimir-se ou forçar sua natureza, não faríamos o que fazemos quando nossa inclinação nos induz a isto.

Para terminar este longo escrito de Irmã Mathurine sobre alguns princípios que habitavam Santa Luísa para o acompanhamento das Irmãs e o desenvolvimento da pequena Companhia, ela lembrava o que era necessário às Filhas da Caridade: *“uma forte confiança em Deus, abandono entre suas mãos para fazer o que Ele deseja, não olhando nem ofício difícil, nem baixo, nem importante, um abandono de si nas penas interiores, não olhando-as como suas, mas como um meio para honrar as de Nosso Senhor e como aspiração a sólida virtude...”*.

NICOLAS GOBILLON

Pároco de São Lourenço, primeiro biógrafo da vida de Santa Luísa de Marillac.

Quem é Nicolas Gobillon?

Nascido no dia 26 de setembro de 1626, de uma nobre e antiga família da Província do Perche. É neto de Nicolas Gobillon, advogado do Rei em Mortagne e da donzela Jacqueline de Surmont, de uma das casas mais ilustres desta Província, pela antiguidade de sua nobreza que tinha a qualidade de cavaleiro, há 500 anos. Seu tio é o tenente geral de Mortagne. Esta família sempre tinha se distinguido tanto na espada como no vestido.

Em 25 de agosto de 1653, é diácono e estudante da Sorbonha. Em 1655, é pároco em São Pierre de Brétigny, que englobava a antiga diocese de Paris. Ele chegou a São Lourenço pouco depois a morte da

fundadora das Filhas da Caridade, **ele ia ser seu primeiro biógrafo**. O primeiro vigário de seu sucessor, numa curta resenha expressa-se assim:

“O celebre senhor Gobillon, pároco de São Lourenço, tão apreciado por seus méritos e seus talentos, por seus sublimes conhecimentos, como o maior teólogo de seu tempo, como o oráculo dos doutores da Faculdade de teologia de Paris que por sua idade, chegou a ser Decano e por sua profunda erudição, mereceu a confiança de todos os Cardeais do Reino que o escolherão para ser seu conselheiro e seu Grande Vigário e, além disso, Superior de 18 comunidades eclesiásticas ou religiosas. Parece que o próprio rei, partilhou a mesma confiança. Dos sete personagens, Luís XIV designou Nicolas Gobillon e dentre eles, os dois vigários gerais, que deviam escolher um para estabelecê-lo Superior em Port-Royal. Em 1663, seus semelhantes o manifestam uma amável estima. A Assembleia da Faculdade da Sorbona o nomeou um dos dez deputados encarregados de elaborar uma declaração para apresentar ao Rei e ao Parlamento sobre os “verdadeiros sentimentos da Faculdade referentes à autoridade real”².

Graças a estes textos, conhecemos melhor o senhor Gobillon; seus talentos o são um grande apoio para apresentar Luísa de Marillac com a ajuda dos documentos apresentados por Irmã Margarida Chétif e Irmã Mathurine Guérin. Outros textos paroquiais dão os detalhes sobre o cortejo fúnebre de Luísa de Marillac, expressão dos usos deste tempo.

“Memória para o cortejo da defunta Luísa de Marillac”, viúva do nobre homem Antoine Le Gras, Conselheiro, Secretário ordinário da falecida Maria de Médicis, Rainha de França.

Professora e Superiora geral das Filhas da Caridade, chamadas Servas dos pobres doentes das Paróquias, falecida na casa Faubourg e em frente de São Lázaro, e enterrada na igreja São Lourenço, sua paróquia, na capela da Visitação da Santíssima Virgem, na quarta-feira, 17 de abril de 1660.

1. Para a assistência pessoal do Senhor Vigário: a vontade dos pais
2. Para a Missa cantada, Prosa e Libera
3. Por direito de paróquia
4. Para os Assistentes dos Prelados do coro e 18 portadores.
5. Para quatro coroinhas

Recebidos quinze libras pelo conteúdo anterior, das mãos das Filhas da Caridade, neste 8 de abril de 1660. Assinado Prévost.

Os direitos da igreja não estavam incluídos no texto precedente: toque fúnebre à vontade, adornos de veludo no coro, os castiçais, apresentação e Cruz alta, a abertura do solo na capela da Visitação. O pagamento foi certificado pela seguinte nota:

“Eu abaixo-assinado, clérigo da obra da dita igreja de São Lourenço, confessa ter recebido pelos direitos da igreja para o cortejo fúnebre cujas partes estão indicadas acima, um total de 21 libras 19 “sols”, por parte das Irmãs da Caridade cuja quantidade e todas as outras despesas foram pagas no dia 8 de abril de 1660”. Assinado Houel.

O Senhor Gobillon assume a responsabilidade de sua paróquia. Documentos e apêndices se sucedem. Um capítulo é dedicado ao serviço dos pobres “das Filhas da Caridade”, provavelmente tirado dos Escritos de Luísa de Marillac ou das Regras comuns de 1672, assinadas pelo Senhor Alméras e seladas com seu selo.

SENHOR GOBILLON, PRIMEIRO BIOGRAFO DE LUÍSA DE MARILLAC

1676 !

O Senhor Gobillon, não tendo estado presente em São Lourenço durante a vida de Santa Luísa, conhecia as Filhas da Caridade e sua dedicação animadas por sua fundadora, como ele a chamava. Ele estava maravilhado com o conjunto: as Filhas, a fundadora, os pobres, as escolas. Ele indaga. Irmã Margarida Chétif e, depois, Mathurine Guérin o ajudam com os Escritos e as conferências.

Alguns anos depois, o livro está pronto e começa com uma carta à Rainha, completada por seus avisos, as aprovações dos Bispos e Doutores. O índice, muito completo, incita não só à leitura, mas ao

aprofundamento e à meditação. O livro não está isento de falhas, a pesquisa de hoje permitiu atualizações e sérios esclarecimentos.

A Carta à Rainha

Desde as primeiras linhagens, a finalidade do escritor é clara: *“Não posso escrever a vida de uma célebre Fundadora de nossos dias sem falar, ao mesmo tempo, da origem de uma Comunidade de moças das quais ela fez a fundação... É uma Companhia que se dedica ao serviço dos pobres para assisti-los em todos os tipos de misérias, de necessidades...”*.

Em algumas páginas, a iniciativa é do rei e da rainha com palavras lisonjeadas para todas as pobrezaas. Não é questão de São Vicente, mas se os pobres, quaisquer que sejam, são privados da doçura, da ajuda de suas famílias; ele (o rei), suplicava em seu favor, servindo-os em suas enfermidades através de jovens caridosas que, por um compromisso mais estreito, mais santo do que todos os laços da natureza, comprometem-se a socorrê-los em todas as necessidades da alma e do corpo...

“Por menor que seja sua Companhia, em si mesma, ela é grande, pela qualidade de seus membros e considerável pela extensão de seus serviços... é por esta razão, Senhora, que esta Companhia tendo desejado publicar a história de sua Fundadora para manifestar a toda a igreja os desígnios de sua vocação e as disposições de seu zelo, pensou que devia dirigir-se à Vossa Majestade para implorar a ajuda e a proteção de sua piedade real no exercício de seus trabalhos”.

Este texto termina com respeitosa saudações à Rainha.

A obra do senhor Gobillon é precedida de uma advertência com algumas palavras humildes e elogiosas ao mesmo.

“O detalhe de uma vida tão santa não foi enfatizada com o cuidado e a exatidão que merecia e eu não pude tomar senão uma ideia geral de suas virtudes a partir dos apontamentos que me foram comunicados. Colocaram em minhas mãos uns que se referem à instituição de sua Companhia e os estabelecimentos diferentes que ela realizou. Li algumas de suas cartas e apontamentos que ela deixou de suas Meditações e de suas conferências: Consultei as pessoas que participaram em seus projetos e cuja memória puderam oferecer algum testemunho de suas ações, e baseado nisto, preparei o plano desta história, que poderia ter sido mais considerável, se eu tivesse descoberto todo o material que poderia fazer parte da composição...”.

Gobillon acrescenta depois esta descrição de suas pesquisas: *“os pensamentos que encontrei divulgado por elas, pareceram-me tão sólidos, tão elevados e tão comoventes, que julguei-os dignos de serem colecionados para a instrução de suas filhas; já que não há nada mais capaz de inspirá-las o amor e a fidelidade a sua vocação do que as palavras de sua Mãe, animadas e repletas de seu Espírito”*.

Nota complementar

Certamente, Gobillon foi o primeiro biógrafo da Senhorita Le Gräs, mas no momento da beatificação de São Vicente, acrescentou-se outro adorno pouco conhecido.

Irmã Maria de Geoffre destacou alguns trechos do processo de beatificação e de canonização do venerável servo de Deus Vicente de Paulo.

Nas notas explicativas do testemunho do Senhor Gobillon, 139ª testemunha, Padre, doutor em teologia da Sorbona, Vigário geral do Cardeal de Noailles, Arcebispo de Paris, 79 anos e vigário de São Lourenço, podemos ler:

“Luísa de Marillac (Senhora Le Gras) co-fundadora da Companhia das Filhas da Caridade...que Luísa de Marillac, viúva Le Gras, seja fundadora da Companhia das Filhas da Caridade com São Vicente de Paulo, é um fato tão estabelecido pela tradição, pelos mesmos testemunhos do processo de São Vicente (embora esteja unicamente associado à pessoa de São Vicente) que é quase supérfluo indicar neles as provas. Estas encontram-se nos diversos fragmentos das atas da Companhia, nas cartas de São Vicente, nas da Senhora Le Gras, nos testemunhos da posteridade, e especialmente no livro depositado no processo de canonização do Santo pelo senhor Gobillon, doutor na Sorbona, pároco da paróquia São Lourenço em Paris, 139ª testemunha neste processo, cujo livro é intitulado “Vida da Senhora Le Gras, fundadora e primeira superiora das Filhas da Caridade, servas dos pobres doentes (Edição de 1676). Parece-nos pois, que todos os testemunhos do processo referentes à fundação da Companhia, pode aplicar-se à Senhora Le Gras ao mesmo título que São Vicente e que o argumento tirado da excelente vocação e das obras das

Filhas da Caridade em favor da santidade de seu fundador, pode servir também para estabelecer o de sua fundadora”.

1769!

A edição do Senhor Gobillon esgotou-se, uma nova obra foi colocada em circulação com a indicação **“A vida da venerável Luísa de Marillac...” pelo Senhor Gobillon, pároco de São Lourenço, revisada, corrigida e aumentada pelo Senhor Collet**, Padre da Congregação da Missão, doutor em teologia.

Em seu prólogo, o autor retoma páginas inteiras do Senhor Gobillon, acrescentando algumas indicações pessoais: *“Vejam os que disse Gobillon: não tinha sido muito mais feliz do que ele por haver feito novas descobertas: a memória dos acontecimentos passa logo com aqueles que foram testemunhas. Mas as Filhas da Caridade do bairro São Denis, forneceram-me alguns documentos que poderão servir para dar a conhecer cada vez mais a virtude de sua Santa Mãe e alimentar a devoção daquelas a quem estes momentos lhes eram desconhecidos”.*

Assim, com algumas adições, algumas voltas um pouco diferentes, é sempre Gobillon que vamos ler.

1886 !

Um século depois da publicação do Senhor Collet, **o Superior geral, Senhor Antoine Fiat, apresenta uma nova obra em quatro pequenos volumes** *“que ele mesmo recomenda a sua piedade filial”, escreve.* A vida que lhes oferecemos não é uma obra moderna, escrita com estilo elegante: seu principal mérito é sua antiguidade e sua indiscutível veracidade. É a vida de vossa venerável Mãe, tal como foi escrita em 1676 pelo Senhor Gobillon, pároco de São Lourenço, sua paróquia. Damos-lhe a preferência sobre todas as outras, porque apresenta garantias excepcionais, do ponto de vista da beatificação que acompanhou este momento.

Os arquivos da Casa Mãe guardam os tesouros que encontrarão aqui seu lugar e do qual a Companhia inteira ficará contente de beneficiar. Estes são:

1. Os comentários das primeiras Filhas da Caridade sobre as virtudes de Luísa de Marillac que se une às conferências do Santo Fundador sobre o mesmo tema.

2. A história da exumação e a transladação do corpo desta humilde serva de Deus.

3. O relato de algumas graças extraordinárias alcançadas por sua intercessão.

O segundo volume contém os Escritos de vossa venerável Mãe sob os títulos de Meditações, Pensamentos, Avisos, Máximas. No terceiro volume encontraremos uma seleção de cartas da venerável Fundadora. O quarto volume é a continuação.

O Padre Fiat termina sua apresentação com algumas palavras especificando o fim: *“Uma espécie de manual no qual cada Filha da Caridade desejará estudar em particular o verdadeiro espírito de sua santa vocação”.*

Estas três obras importantes foram escritas em épocas distantes umas das outras. Elas dão testemunho da santa vida de Luísa de Marillac em conformidade com a vontade de Deus sob a direção do humilde Padre Vicente. **Mas não é dito tudo!**

IRMÃ MARIE DE GEOFFRE DE CHABRIGNAC

Observações: Irmã Maria de Geoffre de Chabrignac, faleceu no dia 2 de dezembro de 1893 na casa principal de Paris, aos 59 anos e 35 anos de vocação.

As primeiras linhas de suas notas já falam de Luísa de Marillac: *“Para todas as pessoas conhecerem a Irmã Geoffre, nomeá-la, é evocar o pensamento de nossa piedosa Mãe, é reavivar esta grande figura, é mostrá-la já liberada da sombra querida à sua humildade, é fazer entrever rápido o dia em que a voz da Igreja, inundada de luz, aparecerá enfim com toda sua beleza”.*

Desde seus primeiros anos de vocação, seu culto pela venerada Fundadora havia aumentado. Ela já não dizia: *“Por que Nossa Mãe não está canonizada? Mas: Nossa Mãe deve ser canonizada. Deus quer que Nossa Mãe seja canonizada”*.

Em 1875, Mère Luísa Lequette, enviou-lhe uma Irmã que foi expulsa do México em um momento de tumultos e muito capaz de dedicar-se aos trabalhos de escritura. Fazia muito tempo que Irmã Geoffre desejava escutar os mistérios das caixas que continham os escritos pelos quais ninguém tinha perguntado. Durante 10 anos, realizou este trabalho e ao qual a Comunidade devia a exumação dos valiosos escritos de Luísa de Marillac. Até então, conhecia-se apenas os curtos textos de Gobillon. Na nota necrológica, lemos o detalhe impressionante de suas pesquisas, realçadas em forma de dois volumes: um é composto de pensamentos, avisos, regulamentos e o outro, composto por 727 cartas enriquecidas por numerosas anotações que enfatizam as concordâncias que permitem reconstituir a história do nascimento da Companhia e de suas obras. Posso também apresentar no processo informativo de 27 de setembro de 1887: *“Afirmo, sob a fé do juramento que prestei antes de ser interrogada, que nenhuma precaução foi omitida para que o texto estivesse absolutamente em conformidade com o original. Os documentos foram relidos muitas vezes... devo testemunhar a integridade do texto, de modo mais positivo e mais claro, para que este testemunho possa servir durante o exame canônico dos escritos, se eu não estou ali para renová-la”*.

A hora da glorificação de Luísa de Marillac ainda não havia chegado. A partir de 1882, durante um Conselho, a Comunidade tomou a decisão de solicitar a beatificação da venerada Fundadora. Foi no dia 16 de junho de 1882 que o Conselho se reuniu em sessão extraordinária. O Superior geral, Padre Fiat, expos o motivo da reunião que era de examinar se seria oportuno iniciar a causa da beatificação de Luísa de Marillac, acrescentando que a autoridade diocesana se mostrava disposta a favorecê-la.

No dia 30 de agosto do mesmo ano, uma circular do Superior geral anunciava a feliz notícia a toda a Companhia e fazia às Irmãs serventes uma série de questões destinadas, umas para estabelecer **a constante reputação de santidade da serva de Deus** em cada casa da Companhia; outras para recolher seus escritos ou provocar a comunicação **das graças recebidas por sua intercessão**. As respostas afluíram da França e do estrangeiro. Irmã Maria de Geoffre classificava, separava o que considerava útil para fazer uma recompilação, buscava de novo nos arquivos da Comunidade, nos das casas mais antigas de Paris e dos arredores; passava longas horas nos Arquivos Nacional, na biblioteca de Mazarino, de Santa Genoveva... Diante do tribunal eclesiástico, ela depositou uma lista de 116 obras nas quais havia colocado em destaque testemunhos da santidade de nossa “Mãe” e de sua participação nas obras de São Vicente.

No dia 2 de abril de 1886 abriu-se o processo informativo que se prolongou até 18 de dezembro de 1890. Durante este período, Irmã Geoffre continuou suas pesquisas, retomou palavra por palavra a revisão dos autógrafos, confrontou as conferências de São Vicente recolhidas por Luísa de Marillac, classificou-as, agrupou-as numa compilação.

Durante este tempo, as Irmãs das diversas Províncias chamadas para declarar no processo, se sucedem. A própria declaração de Irmã Geoffre ocupou 18 sessões no tribunal de São Lázaro, na sala das relíquias, em presença de três juízes, do promotor e do notário eclesiástico delegados pelo Cardeal Arcebispo de Paris.

Irmã Geoffre não conheceu nesta terra o resultado de sua aspiração: “Nossa Mãe será canonizada”. Beatificada em 9 de maio de 1920 pelo Papa Bento XV, Luísa de Marillac será canonizada no dia 11 de março de 1934 pelo Papa Pio XI. No dia 10 de fevereiro de 1960, o Papa João XXIII a declara patrona de todos os trabalhadores sociais cristãos.

Irmã Geoffre, um dia, profundamente emocionada com as palavras pelas quais o sucessor de São Vicente acabava de terminar sua conferência para a renovação dos santos votos, expressava o desejo de poder escrever em letras de ouro no coração de todas as Filhas da Caridade.

“Desejo ardentemente que Luísa de Marillac ocupe no lar doméstico o lugar que lhe é devido, que cada uma de suas filhas professe por ela a mais alta estima e a mais filial confiança, e que toda a comunidade, santamente orgulhosa de sua digna fundadora, una-se ao redor de sua bandeira e caminhe sobre seus passos... Olhem e façam conforme o modelo que lhes foi mostrado sobre a montanha”.

Hoje, é possível admirar, contemplar todos estes escritos referentes a Santa Luísa de Marillac, nos Arquivos da Companhia, de apropriar-se de seus escritos, de seus ensinamentos pelas obras que nós conhecemos traduzidas nos diferentes idiomas e que estão à disposição de cada Filha da Caridade.

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

Notas

¹ A vida de Irmã Mathurine Guérin foi apresentada nos Ecos de 1986 por Ir. Charpy.

² “História da Paróquia e da Igreja São Lourenço a Paris” por Louis Brochard, antigo vigário de São Lourenço. Texto editado em 1923.

PREPARAÇÃO PARA O ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO

Os Fundadores:
Duas vidas diferentes e paralelas,
um mesmo destino

Ao longo da história da humanidade, o Filho de Deus buscou continuamente quem poderia assumir a missão de liberar os indigentes da pobreza. No fim do século XVI, fixou os olhos em dois seres humanos, um homem e uma mulher. Ela era do Norte da França, ele do Sudoeste. Mas Ele sabia que os dois se encontrariam em Paris. Este encontro era necessário para fundar a Companhia das Filhas da Caridade, um dos pilares da missão de salvar os pobres tanto no plano humano como no plano divino.¹ Quem eram este homem e esta mulher? Ela se chamava Luísa de Marillac e ele Vicente de Paulo. Suas vidas eram bem diferentes, mas ambos iam caminhar de um modo paralelo para o mesmo destino, como se fossem dirigidos por uma força divina que Vicente de Paulo chamava Providência.

SÃO VICENTE DE PAULO

Vicente de Paulo nasceu na aldeia de Pouy, perto de Dax, nas Landes da Gasconha. O camponês do sudoeste francês não estava na mesma situação social e econômica do resto da França, da qual os historiadores falam. O país Basco, o Béarn, a Guyena e a Gasconha eram pequenos *Estados* com Parlamento, administração e sistema de imposto autônomo. Eles tinham criado um campesinato proprietário de suas terras onde haviam poucos arrendatários. A família de Paulo não era pobre, embora fosse susceptível de se tornar em tempo de guerra e de más colheitas. Por parte de sua mãe, parece que os Moras eram burgueses e Mestres do Peyroux ² em Orthevielle situada a 20 km ao sul de Dax. Eles tinham uma série de direitos sobre os habitantes e as terras da aldeia: a justiça, a ordem, a taxa de seu forno, do moinho, da prensa, etc. pelos quais recebiam tributos. Eles eram também isentos de muitos impostos. Parece também que vários irmãos de sua mãe eram advogados e funcionários públicos e que uma pessoa da família Moras talvez os avós de Vicente de Paulo, tinham uma casa na aldeia de Pouy.

Por parte de seu pai, os Paulos eram grandes camponeses, com terras, bosques e gado em Pouy e em outros lugares perto de Dax, como por exemplo, na aldeia São Paulo. Como era uma família de funcionários públicos, burgueses e grandes camponeses, supõe-se que tinham influências na sociedade do lugar. Por isso, podemos dizer que Vicente de Paulo pertencia a uma família que podia, por sua condição, de acordo com o costume e a mentalidade social do tempo, aspirar subir na escala social e eclesial sem contradizer o Evangelho. Podemos também ver isto nas famílias de São Cyran, Bérulle, François de Sales, Arnauld, Marillac, Attichy, etc. É também o que São Vicente e Santa Luísa pretendiam para o filho de Luísa: Miguel Le Gras. Este costume só podia ser realizado nas famílias que poderiam permitir-se isto, por suas relações de influência, pela colação de benefícios clericais que pertenciam ao rei, aos nobres, à alta burguesia ou o alto clero. Se se fazia isto, é porque era normal na época, acrescentamos também que de acordo com o costume, os pobres cadetes destas famílias eram destinados à administração pública, a entrar

no convento ou abraçar o estado sacerdotal. Nenhuma destas aspirações opunha-se diretamente ao Evangelho, porque nesse tempo, a separação do mundo e da transcendência era inconcebível. A sociedade francesa era do tipo sagrado; o sagrado impregnava tudo, não havia distinção entre o social, o político e o religioso. No final do século XVI, ter ou não ter vocação dependia geralmente do benefício familiar ou das necessidades da Igreja. São Tomás e o Concílio de Trento pediam ao sacerdote apenas uma vida pura e um certo conhecimento para exercer seu ministério³. A noção de vocação pessoal era uma novidade na França do século XVII, introduzida por Bérulle e propagada por Olier, Bourdoise e o Oratorianos, Sulpicianos e sacerdotes de São Nicolau de Chardonnet.

À iniciativa do Senhor de Comet, juiz e parente dos Moras, a família de Paul se esforça para melhorar a situação social da família e com seu consentimento, escolhe o estado clerical para Vicente. Por que? Penso que, talvez, o julgavam capaz de assumir os estudos eclesiásticos e chegar a um estado importante na Igreja. Com a idade de quinze anos, Vicente foi estudar no colégio de Dax. Ele conseguiu passar três anos em um, e em dois anos ele se preparou para estudar a teologia. Além disso, ele foi considerado capaz de ser o preceptor dos filhos do juiz de Comet. Tudo isto nos faz supor que, enquanto ele era ainda menino, embora guardasse o gado, teve um professor particular, seja em sua casa ou o que é mais provável, quando ele passava alguns dias em casa de seus avos maternos.

Talvez estes tenham percebido suas devoções. Apesar de, mais tarde, seu caráter se tornar sombrio e brusco, tinha um temperamento afetivo e compassivo: uma devoção infantil à Virgem; dava como esmolas punhados de farinha ou 30 soldos aos pobres; ele chorou quando, aos seus vinte anos, recentemente ordenado, foi à Roma e viu o túmulo dos apóstolos; quando visita a sua família e renuncia ajudá-los financeiramente. Alguns anos depois exclamará: *“Pensais que eu não amo meus pais? Tenho por eles todos os sentimentos de ternura e carinho que outro qualquer pode ter pelos seus; e este amor natural me impelia bastante para que eu os ajudasse”*⁴. Vicente era um jovem bom, pensava cumprir suas obrigações de padre e também, sem dúvida, buscar o bem-estar material da família. Naquela época, não havia nenhuma oposição entre levar uma vida sincera de padre e este desejo de ajudar a família. Hoje em dia, também não há qualquer oposição quanto ao Evangelho, o fato que famílias boas desejam que seus filhos estudem, adquiram diplomas e busquem postos elevados na sociedade e na Igreja.

Tampouco opor-se-ia para Vicente de Paulo. Em 1638, quando já era “santo”, escreveu à Luísa sobre o futuro de seu filho Miguel: *“Falei com o Senhor Pavillon sobre o senhor vosso filho, estimo que esteja de acordo que o mesmo termine sua teologia, seja ordenado padre e exercite-se por algum tempo nos exercícios de piedade próprios para os clérigos, e, feito isto, não vejo nenhum problema que a Irmã Pavillon o receba. Fora isso, o jovem seria inútil para Irmã Pavillon e seria uma dor insuportável a si mesmo ver-se diante de montanhas à extremidade do reino, sem nada fazer e incapaz a qualquer emprego. Em nome de Deus, Senhora, creia-me, sei bem o que é isso. Espero que se o Senhor vosso filho fizer o que eu disse há pouco, não lhe faltará bons empregos; se agradar a Deus que eu viva, prometo-lhe cuidar dele como se fosse de meu sangue”*. (Missão e Caridade XV, 19).

Parece-me que Vicente considerava o desejo humano de prosperar na vida, como algo que Deus teria escrito no ser ao criar o universo. De acordo com a natureza, Ele teria colocado no ser humano o amor-próprio, a responsabilidade e a luta pela felicidade pessoal, familiar e social como se a santidade consistisse somente em viver segundo a natureza humana programada por Deus⁵, cumprindo, assim, sua vontade.

Esta mentalidade poderia explicar que, quando volta à sua aldeia em 1623, ele se sente profundamente atormentado pela tentação de estar faltando à justiça. Seus irmãos e irmãs talvez lhe fizeram algumas repreensões: a família gastou na sua formação, vendeu até mesmo um par de bois, para que ele pudesse, em seguida, ajudá-los a ter uma vida melhor. Era um dos modos de investir dinheiro naquele tempo. Então, além da afeição que tinha por sua família, talvez se sentia culpado por estar cometendo uma injustiça com eles. Mas, ele pensava também que um: *“eclesiástico que possui alguma coisa o deve a Deus e aos pobres”* (Coste II p. 219). Então, para tranquilizar sua consciência e fazer justiça, cedeu aos seus irmãos e irmãs todos os bens que tinha herdado de seus pais e mais novecentas libras (Coste XIII, pág. 61...).

Aos 19 anos é ordenado Padre. Vicente diz que era uma coisa bem comum na época (Coste XI pág. 118), ninguém se escandalizava, pois, o Concílio de Trento não era ainda aplicado na França; o período dos grandes reformadores não tinha chegado ainda⁶. Depois de sua ordenação, tentou ser pároco de Tihl, uma paróquia perto de sua aldeia natal. Ele a pediu, mas foi em vão. Mesmo se o cuidado das almas era um benefício com uma remuneração significativa, não significa que teria vivido confortavelmente de suas rendas⁷. Dizer que isto era seu *único* objetivo é uma afirmação infundada. E, alguns anos depois, quando foi nomeado vigário de Clichy e de Châtillon, o foi muito feliz.

A Providência velava sobre o homem que buscava: se ele tivesse tomado o posto de Tihl, não poderia ter fundado a Companhia das Filhas da Caridade: porque uma Associação ou uma Confraria devia ser parisiense e não provincial, para que ela nascesse e se desenvolvesse. Mas Vicente não teria conhecido Luísa de Marillac que se revelou tão indispensável quanto ele nesta fundação, para organizá-la e dirigi-la. Além disso, Vicente tem as qualidades de um camponês capaz de fundar uma Companhia de camponesas, consagradas para o serviço dos pobres: era tenaz, inteligente, criativo para superar as dificuldades e buscar soluções; oriundo de uma família generosa, capaz de ajudar os pobres, possui uma capacidade de relações necessárias para ser um padre. É depois disso que o mesmo compreenderá que isto tudo o tinha preparado para fundar uma Companhia de estilo novo para este tempo.

Em Paris

No final do ano de 1608, Vicente chega a Paris. Parece que depois de ter terminado seus estudos em Toulouse, esteve em Roma e, segundo seu relato, ficou cativo na Tunísia durante dois anos. Embora alguns biógrafos tenham posto em dúvida, eu o admito pela única razão que uma aventura tão improvável, não podia contá-la como certa a um juiz e advogado de Dax, que podia averiguá-la com bastante probabilidade. Vicente já tinha 27 anos quando escreveu este fato e sabia o que escrevia. Era um homem honesto e correto, com uma personalidade madura. Apresenta-se como um bom sacerdote que quer viver bem sua vida sacerdotal, embora no estilo de outrora. Penso que esta passagem dolorosa serviu para aumentar ainda mais nele a devoção sacerdotal que guardava em si e sentiu em sua carne os sofrimentos dos infelizes.

Em Paris, por volta de 1602, os círculos de espiritualidade começaram a tomar importância⁸. Um dos mais famosos era o que se reunia no palácio de Barbara Juana Avrillot, esposa de Pedro Acarie. Depois de sua viuvez, Senhora Acarie entra no Carmelo e recebe o nome de Maria da Encarnação (Bem-aventurada). Seu círculo era freqüentado por seu primo Pedro de Bérulle, André Duval, Ange de Joyeuse, Bento de Canfield, Brétigny, Gallemant, Miguel de Marillac, a Marquesa de Maignelay (que fazia parte da família Gondi) e outros espiritualistas. Todos eles seguiram as inspirações do Cartuxo Dom Baucousin e a espiritualidade renoflamenga através da *Pérola evangélica*, o *Breve tratado* de Isabel Bellinzaga (Gagliardi), a *Regra de Perfeição* de Bento de Canfield e os escritos de Santa Catarina de Gênova. A maioria deles também lia os escritos de Santa Teresa d'Ávila e alguns de São João da Cruz.

Logo após sua chegada em Paris, Vicente de Paulo começa a freqüentar este círculo de espiritualidade, ou porque buscava diretamente a santidade ou porque as pessoas descobriram naquele jovem sacerdote o anseio de santidade e o convidaram às suas reuniões. Através da oração contemplativa e do desprendimento, todos buscam a santidade ou, como dizia Bérulle, *a divinização*.

Estas pessoas espirituais do círculo da Senhora Acarie, tinham muita influência entre os nobres. Tudo indica que, por volta do final de 1609 ou início de 1610, Vicente de Paulo é considerado um padre que buscava Deus e, graças às informações posteriores, sabemos que ele dedica-se à oração sob a direção de Bérulle. Em 1610 é nomeado capelão da Rainha Margarida Valois (Margot), repudiada por Henrique IV. Em 1611, fez os Exercícios no Oratório e Bérulle o julga digno de substituir o pároco de Clichy, Padre Bourgoing, que se tornava Oratoriano. Por influência de Bérulle, no ano seguinte, ele foi nomeado o preceptor dos filhos poderosa família Gondi.

A Noite mística do amor ou santidade⁹

As pessoas que frequentavam o círculo da Senhora Acarie vivem a oração e Vicente de Paulo a pratica assiduamente. Ele progride nesta prática. Por volta de 1614, sendo preceptor na casa dos Gondi, Vicente de Paulo aparece entrando numa Noite Mística que os biógrafos chamam de *tentação contra a fé*, mas que parece ser a Noite Escura dos sentidos, que São João da Cruz¹⁰ coloca como uma porta que introduz à contemplação chamada *oração de quietude*.

Nesta Noite, Vicente de Paulo faz a grande oferenda: entregar sua vida pelo outro, pedindo a Deus para assumir a situação dolorosa que vivia seu amigo (o teólogo que conheceu no palácio da Rainha Margarida de Valois). Vicente compreendeu que Deus havia aceitado seu oferecimento e sente o peso das dúvidas de seu companheiro. Ele só se libertará destas mediante outro ato de amor: *consagrar sua vida, por amor a Jesus Cristo, ao serviço dos pobres*¹¹.

Mas, não foi por ter feito este oferecimento que Vicente se tornou “santo”, mas porque já havia alcançado a santidade é que ele faz este oferecimento. Em sua caminhada, entregando-se à oração para cumprir a vontade de Deus e libertar-se de todo apego, Vicente entra na noite mística dos sentidos, uma etapa comum a todos os cristãos que seguem Jesus. Este oferecimento foi o final do esforço realizado por Vicente graças às virtudes teologais recebidas no batismo. Assim, Vicente alcançou o desprendimento interior de si mesmo ao ponto de sacrificar sua vida por este teólogo que sofria. Através da contemplação, Vicente recebe os 7 dons do Espírito Santo que o purifica de si mesmo. Por esta purificação, chamada noite mística, ele vive uma “segunda conversão” tal como a explica o teólogo da época, Luís Lallemant. Como expressão de santidade, Vicente se oferece a Deus para servir os pobres que ele já visitava durante estes anos escuros, no hospital da Caridade que os Irmãos de São João de Deus haviam fundado em Paris. E Deus o livra daquela situação (é assim que Ele procede com aqueles que chegam a esta fase da vida espiritual). Por duas vezes, Vicente insinuará sobre este assunto às Filhas da Caridade (Coste IX pág. 420 e 424). Podemos dizer que Vicente, com as disposições pessoais e os dons recebidos no Batismo, acolheu a força do Espírito Santo de Deus e saiu com seus próprios pés da Noite mística, pois, apesar das dúvidas, ele buscava a santidade no serviço dos pobres. Era santo, amava os pobres, estava preparado para a missão que Deus ia lhe confiar, faltava apenas encontrar-se com Luísa de Marillac.

SANTA LUÍSA

Luísa de Marillac era a outra pessoa que Deus precisava para salvar os pobres de uma maneira determinada. Poucos meses antes da chegada em Paris de Vicente de Paulo, em 1607, Luísa tinha 16 anos e foi falar com um Capuchinho da Rua Santo Honoré. Desde os três anos, ela vivia numa das numerosas pensões que existiam em Paris para meninas de classe média, elas tinham o costume de fazer os trabalhos domésticos, para não aumentar o custo da pensão. Ela procurava uma resposta a uma pergunta que a inquietava o coração: Por que tinha que passar por esta vida de sofrimento? Ela dirá e o meditará três anos antes de morrer¹², *“Pois Ele me tem concedido tantas graças, como a de me fazer conhecer que sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela Cruz, que sua bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento e não me havendo quase nunca deixando em qualquer idade (de minha vida), sem ocasiões de sofrimento”* (Escritos Espirituais, p. 804).

Nascida em 1591, é filha ilegítima de um ou de uma Marillac que desconhecemos quem era. Ela foi acolhida pelo chefe da Família Luís de Marillac que a conduz, pouco tempo depois de seu nascimento, ao melhor convento de Paris (onde eram educadas as meninas da nobreza). Ela recebe uma boa formação em letras que lhe será necessário para ser fundadora e Superiora geral da Companhia. Bem formada em humanidade, saberá redigir Regulamentos, memorandos, escrever cartas e surpreender as senhoras da alta sociedade, apresentar-se diante dos Bispos ou dos administradores civis.

Com a morte de Luís de Marillac, ela foi excluída da Família Marillac por seus membros e pelas leis civis, por causa das circunstâncias de seu nascimento. Foi colocada numa pensão onde descobre o espírito das servas e aprende a administrar a vida doméstica e os trabalhos da casa, que mais tarde, ela poderá ensiná-lo às suas filhas.

Queria ser Capuchinha, mas os Marillac a obrigaram a casar-se com um burguês da classe média, Antônio Le Gras (a fim de melhorar a posição política da família Marillac-Attichy).

Este Capuchinho lhe deu três conselhos: fazer oração, confiar em Deus e colaborar com sua vontade. Ela acolhe o desígnio eterno de Deus para encontrar uma explicação à sua vida de marginalização. Nesta *colaboração cheia de confiança* encontrará a solução às suas interrogações sobre os mistérios dolorosos de sua vida. Luísa entrega-se à oração, mas à maneira daqueles cuja espiritualidade é fundada numa mística abstrata, a mesma que Bérulle havia inculcado em Vicente de Paulo.

Noite mística¹³

Com o começo da doença de Antônio Le Gras, Deus manifestou-se a ela, sem que o reconhecesse, duro e terrível, para purificá-la dos tormentos de sua vida interior. É a Noite passiva que o próprio Vicente de Paulo havia passado, pouco tempo antes. Este Deus, à maneira de São João da Cruz, a purificará até junho de 1623, em seguida, de uma maneira mais suave até dezembro de 1625, com a morte de seu marido. Durante a doença de seu marido, o espírito ferido de Luísa deixa-se envolver por um complexo de culpa porque tinha se casado considerando que tinha pensado de entrar em religião.

Através destes acontecimentos, Deus a purifica e revela a missão que Ele vai confiar a ela, como uma continuação do chamado entendido quando tinha 16 anos. A Noite termina no dia do Pentecostes de 1623. Nesse dia 4 de junho, o Espírito Santo termina a purificação e anuncia-lhe que vai dá-la um novo Diretor espiritual e lhe comunica também que estaria com outras jovens ao serviço dos pobres. Já era “santa”, tinha capacidade para fundar a Companhia.

Nem durante esta purificação passiva, nem nos anos seguintes, Luísa de Marillac compreendeu completamente o sentido místico, a importância desta “Noite passiva” para sua vida espiritual. Ela não entendeu que Deus começava a revelar-lhe sua vocação. Teve que considerar o que viveu como uma realidade espiritual comum a todas as pessoas que buscam a Deus.

Véspera de Pentecostes de 1642: queda do piso.

Um acontecimento que abriu-lhe os olhos foi o milagre da queda do piso (soalho) da sala vazia. Na véspera do Pentecostes de 1642, devia acontecer uma reunião com São Vicente, as Senhoras da Caridade e Luísa. Tendo anulado esta reunião, o piso da sala onde devia acontecer esta reunião, desabou. Para Luísa, a Companhia foi salva por Deus (A 75). Então, ela começa a escrever uma espécie de diário e diz-nos o que o Espírito de Deus lhe anunciara na Noite mística de 1623 (A 3).

A leitura que faz de sua vida passada, quando tem 54 anos, manifesta como Deus a guiou para encontra-se com São Vicente e fundar com ele a Companhia das Filhas da Caridade, sem que no início, compreendesse totalmente o porquê das coisas. Devia ser uma Marillac, mas sem ser nobre, se ela tivesse sido, não poderia ter sido naquele tempo, Filha da Caridade. Neste momento, compreende a importância de sua formação humanista recebida em Poissy e de serva na pensão. Ela compreende, igualmente, que não poderia ter sido *religiosa*, que devia ser casada e que Deus a havia escolhido porque era viúva e tinha um filho. Naquele tempo, a mulher solteira era uma mulher mal vista, a mulher casada dependia totalmente de seu marido, somente as viúvas com dinheiro, sobretudo se tivessem um filho, poderiam se considerar em igualdade com os homens em direitos e obrigações.

Naquele momento, Luísa compreendeu que a sua vida, que considerava como uma cruz pesada, tinha lhe dado a liberdade necessária para ser fundadora. Deus a havia escolhido por causa desta vida concreta, com suas qualidades intelectuais e emocionais, e a formação humana da burguesia. Antes de ter conhecido Vicente de Paulo, havia colaborado inconscientemente com Deus, reconhecendo-O nos acontecimentos da vida. Aos 54 anos, compreende que Deus lhe deu o carisma de fundadora, precisamente por causa de seu estado de vida, que permitia a fundação das Filhas da Caridade. Deus a faz conhecer o grande diretor espiritual: Vicente de Paulo, embora, em princípio o tenha repugnado. O encontro da mulher do norte da França com o homem do sudoeste francês realizara-se. Aconteceu no Natal de 1624 ou princípio de 1625.

Até encontrar-se com São Vicente, Luísa não tinha tido a possibilidade de doar-se inteiramente aos pobres; como todas as pessoas piedosas, ela dava esmolas. Sua preocupação era unir-se a Deus, sua santificação, a de seu esposo e de seu filho. Por isso, entregava-se à oração. Depois de sua “Noite mística”, sua oração se torna contemplativa e assim permanecerá ao longo de sua vida. Esta entrega a Deus na oração será a base de seu dom a Deus nos pobres. No entanto, chegou um momento onde a vida de Luísa de Marillac e sua pessoa se identificarão com os pobres, graças à influência de São Vicente (Coste I pg. 73-74). Sua entrega a Deus será sempre constante, mas a partir do mês de maio de 1629 até sua morte, este dom a Deus se realizará através do serviço do pobres por meio da Companhia que ela fundou com São Vicente e à qual pertenceu.

Mas, há certa diferença entre a entrega de Santa Luísa aos pobres e a de São Vicente. Ele, conhecia os pobres desde sua infância e esta entrega aos pobres estava no mais profundo de seu ser; enquanto que Luísa de Marillac, absorvida pelo medo do julgamento de Deus e seu grande desejo de santificar-se, esta entrega aos pobres lhe veio de seu diretor Vicente de Paulo. Ela se identifica com os pobres de tal maneira que, por assim dizer, seu ser estava composto: de um envelope externo (a pele), era os pobres, enquanto que o interior de seu ser (a carne), sempre foi a vida interior que ia diretamente a Deus. Por outro lado, para São Vicente, o envelope externo (a pele) era sua vida interior; o interior de seu ser (a carne), era os pobres. Mas os dois foram, igualmente, fiéis ao destino que Deus lhes dera de servi-los e evangelizá-los.

Para concluir, ousou afirmar que tudo o que Santa Luísa é na história da caridade, dos pobres e da Companhia, ela o deve a São Vicente. Mas, é necessário também dizer que, a contribuição de Santa Luísa na obra de Vicente de Paulo, foi de uma tal importância, que se poderia pensar que se ela não estivesse estado lá, muitas obras do Santo não teriam sido criadas e nem perdurado depois dele.

Padre Benito Martinez, cm

Notas

- ¹ São Vicente repete constantemente a ideia que o Fundador da Companhia é Deus: Coste IX, 131, 210, 242-243, 246, 455, 457, 601, 683; X, 731...
- ² Ver Charles BLANC, "A parentela de Padre Vicente" no Boletim da Sociedade de Borda, 1960 p. 116 a 128
- ³ Suma Teológica, Supl. 31, 1-2 e q. 36; Concílio de Trento, XXIIIª Sessão, Decretos sobre a Reforma Cap. XIV; c. 12-13 de ref.
- ⁴ Abelly relata que, por volta de 1650, o Senhor do Fresne deu-lhe mil francos para ajudar seus pais, despojado de tudo pelos soldados e quando o santo os aceitou, sobre a insistência de seu amigo, ele exclama e acrescenta: "mas eu devo agir segundo as inspirações da Graça, e não da natureza, e pensar aos Pobres mais abandonados, sem me deter aos laços de amizade, nem de parentesco" (L. III, Cap. XIX, p. 294). Assim, a história deste padre, que tinha saído da Congregação da Missão, que uma vez lhe tinha salvo a vida, impressionou muito São Vicente. Primeiramente, este padre pediu várias vezes para ser readmitido na congregação, mas em foi vão... Ele teve a ideia de lembrar ao Santo o serviço que ele lhe havia prestado. Então, este, lembrando-se do fato deixou-se emocionar e escreveu uma carta ao padre cujo Collet conservou somente estas palavras. "Vinde, Padre, nós vos receberemos de braços abertos" (V, 541).
- ⁵ Coste IX, p. 527...; X p. 55.
- ⁶ P. COSTE, O grande santo do grande século. Senhor Vicente, vol. I, Desclée de Brouwer e Cia. Paris, 1931, p. 38-39.
- ⁷ São Vicente dizia aos missionários: "No começo da Igreja... havia muito poucos sacerdotes; só eram ordenados os necessários, segundo os benefícios que havia; e quando um sacerdote falecia, aquele que havia sido escolhido para o benefício, tomava as ordens, de forma que muitas vezes se o nomeava antes de ser sacerdote; mas por fim julgou-se bom, e foi aceito, mesmo necessário, que tivesse mais sacerdotes. Por isso, ainda que não tivesse nenhum benefício, recebiam as ordens com um título de patrimônio, e assim aumentou o número de sacerdotes. Pois bem, este título era diferente segundo os lugares, ou ao menos os senhores bispos pedem mais num lugar do que em outro: em Paris eram necessários 50 escudos, em outras partes 100, e em outras 80 era suficiente; há alguns que se contentam com 50 libras, mais ou menos" (Coste XI p. 225)
- ⁸ Louis COGNET, História da Espiritualidade cristã. T. 3: A Espiritualidade moderna, Aubier, Paris 1966, p. 233-273.
- ⁹ Pode-se ver uma defesa mais detalhada da Noite no artigo de Benito Martinez : "A Noite escura de São Vicente de Paulo", nos Anais da C.M. e das F.d.C. N°116 (julho-agosto de 2008) p. 350-355 (O Pe. Lautissier disse-me que este artigo tinha sido traduzido em francês).
- ¹⁰ Noite, I, 8-9; Subida, II, 17; Chama, can. 3, v. 3, N° 33-36
- ¹¹ Coste XI p. 32-34
- ¹² Penso que é preciso datar esta meditação (A 29) no ano de 1657, comparando-a com o último parágrafo da carta que ela escreveu à Irmã Marguerite Chétif em 15 de outubro de 1657. Irmã de Geoffre - que eu confio absolutamente - coloca-a após os escritos A 26, A 27, e A 28, o A 26 é sem dúvida de 1657.
- ¹³ Podemos ver uma exposição, da Noite Mística da Santa Luísa, mais detalhada na biografia escrita por Benito MARTINEZ, Um paraíso para os pobres a todo custo, CEME Salamanca 1995 p. 30-32